

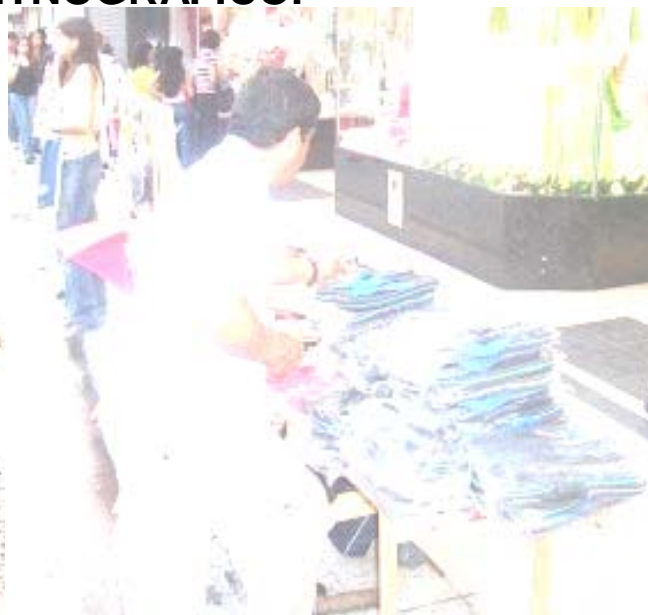
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA



ALANE MENDARA DA SILVA COSTA



“É UM TRABALHO MUITO PUXADO”: SIGNIFICADOS E PRÁTICAS ASSOCIADOS AO TRABALHO DO VENDEDOUR AMBULANTE E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE - UM OLHAR ETNOGRÁFICO.



SALVADOR - BAHIA
2007

ALANE MENDARA DA SILVA COSTA

**“É UM TRABALHO MUITO PUXADO”: SIGNIFICADOS E PRÁTICAS ASSOCIADOS
AO TRABALHO DO VENDEDOR AMBULANTE E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A
SAÚDE - UM OLHAR ETNOGRÁFICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva

Orientador: Jorge Alberto Bernstein Iriart (Ph.D)

Salvador - Bahia
2007

Ficha Catalográfica
Elaboração: Biblioteca do Instituto de Saúde Coletiva

C837 Costa, Alane Mendara da Silva.

“É um trabalho muito puxado”: significados e práticas associados ao trabalho do vendedor ambulante e suas implicações para a saúde – um olhar etnográfico / Alan Mendara da Silva Costa. – Salvador: A.M.S. Costa, 2007.

123 p.

Orientador: Profº Drº Jorge Alberto Bernstein Iriart.

Dissertação (mestrado) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

1. Saúde Pública. 2. Saúde Ocupacional. 3. Trabalho Informal. 4. vendedor Ambulante. I. Título.

CDU 614

Este trabalho é dedicado aos meus grandes amores:

Aloysio e Jane, meus pais, que me deram o maior dos bens: a vida e com quem aprendi o significado do amor e dedicação incondicionais e o valor do conhecimento.

Ao meu querido irmão, Alan, por sua amizade e companheirismo.

O meu eterno e sincero muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não é resultado de um exercício de elaboração individual, mas sim um produto de diversos encontros significativos e de experiências compartilhadas durante o processo de amadurecimento e desenvolvimento do trabalho. Não poderia, portanto, deixar de reconhecer e agradecer a contribuição de todos para a sua concretização.

A Prof^a. Vilma Santana pelo acolhimento em seu grupo de pesquisa - PISAT (Programa Integrado de Saúde Ambiental e do Trabalhador) onde eu pude dar início à minha formação acadêmica.

Ao meu orientador Jorge Iriart, que conduziu a orientação desse trabalho de maneira tranqüila e paciente, sabendo respeitar minhas opiniões e me direcionando no caminho a ser seguido, com sua experiência e conhecimento.

Aos colegas do PISAT pela convivência agradável e afetuosa, e pelo apoio nas horas difíceis. Em especial, a Roberval Oliveira, Gustavo Araújo, Shirlei Xavier e Sílvia Lessa, que se tornaram grandes amigos e com quem momentos de alegrias, dúvidas e angústias foram compartilhados.

Às belas amizades que desenvolvi no ISC, em especial, a Mônica Coutinho e Márcia Marinho que mais do que companheiras de estudo, tornaram-se grandes amigas, com quem dividi momentos tristes, difíceis e angustiantes, mas também conquistas, alegrias e vitórias numa relação marcada pela solidariedade e generosidade.

A Mariana Wagner a quem agradeço não só por traduzir o resumo para o inglês, mas, fundamentalmente, pelo laço de amizade desenvolvido, baseado no respeito, confiança e afeição.

A Valéria Coutinho e Wellington Sousa sempre dispostos a ajudar e a quem eu agradeço não só pela formatação final da dissertação, mas principalmente pelas palavras de carinho, incentivo e apoio.

Aos professores do Instituto de Saúde Coletiva pela excelência reconhecida do ensino e pelas valiosas reflexões desencadeadas durante as aulas. A todos os funcionários do ISC pela disponibilidade, eficiência e suporte indispensáveis.

Aos professores Paulo Pena e Lígia Rangel pelas importantes contribuições e sugestões quando compuseram a banca de qualificação do projeto de dissertação e pela participação na banca de avaliação final desse estudo.

Aos vendedores ambulantes com quem conversei pela atenção, paciência, confiança e disponibilidade em ajudar, sem os quais a realização desse trabalho seria inviável.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos com a qual pude desenvolver esse trabalho.

A todos os meus amigos e familiares, que souberam entender e respeitar os momentos de ausência e me apoiaram nas horas de aflição. Agradeço, especialmente, aos meus pais e a meu irmão por tudo que representam em minha vida e por terem acreditado sempre no meu potencial.

Camelô

Sou camelô, sou do mercado informal
Com minha guia sou profissional
Sou bom rapaz, só não tenho tradição
Em contra partida sou de boa família
Olha doutor, podemos rever a situação
Pare a polícia, ela não é a solução não

Não sou ninguém nem tenho a quem apelar
Só tenho meu bem que também não é ninguém
Quando a polícia cai em cima de mim, até parece que
sou fera
Até parece

Sou camelô, sou do mercado informal
Com minha guia sou profissional
Sou bom rapaz, só não tenho tradição
Em contra partida sou de boa família
Olha doutor, podemos rever a situação
Pare a polícia, ela não é a solução não

Não sou ninguém nem tenho a quem apelar
Só tenho meu bem que também não é ninguém
Quando a polícia cai em cima de mim, até parece que
sou fera
Até parece

Edson Gomes

RESUMO

Diversas transformações têm ocorrido no cenário econômico internacional, repercutindo de maneira significativa sobre o mercado de trabalho, acarretando, dentre outros aspectos, um avanço das ocupações precárias e informais. No Brasil, os reflexos dessas transformações repercutem sobre o mercado de trabalho através do aumento do desemprego, e da queda da qualidade dos empregos, evidente no crescimento da participação dos trabalhadores no setor informal da economia. Em Salvador, o número de empregados sem carteira assinada tem crescido, caracterizando a precarização do emprego nessa área urbana. Geralmente, os trabalhadores informais executam serviços mais arriscados e perigosos, apresentando maiores incidências de acidentes de trabalho e outros problemas de saúde. Diante desse contexto, a presente dissertação tem como objetivo compreender a construção dos significados e práticas culturais associados ao trabalho do vendedor ambulante - tradicionalmente inserido no setor informal da economia - além de suas ressonâncias no modo como esses trabalhadores interpretam e lidam com os possíveis riscos de acidentes e adoecimento. Trata-se de um estudo que apresenta uma abordagem socioantropológica e metodologia qualitativa. Participaram nove trabalhadores com quem foram realizadas entrevistas em profundidade, guiadas por roteiros semiestruturados, além de observação participante no centro da cidade e na praia, com registros em diário de campo. A perspectiva adotada está norteada pela antropologia interpretativa de Geertz, empreendendo-se um esforço para evidenciar o sistema simbólico que perpassa esse grupo social. Os resultados demonstram que o trabalho como vendedor ambulante é descrito como desgastante e extremamente discriminado, podendo se converter em fonte de sofrimento devido à desvalorização e descrédito social que o acompanha, configurando-se numa atividade que não resulta de uma escolha, mas de fatores como desemprego, baixa escolaridade e qualificação profissional. O processo de trabalho varia de acordo com o tipo de mercadoria comercializada. Há o reconhecimento de que esse trabalho pode trazer consequências para a saúde tanto em relação às doenças, destacando-se o câncer de pele e as micoses, quanto aos acidentes de trabalho, principalmente, os cortes, as quedas e as queimaduras. Pode-se identificar a presença de riscos tradicionais, vinculados às específicas formas de adoecimento e tipos de acidentes vivenciados; riscos invisíveis, expressos, fundamentalmente, na desvalorização social; e os riscos relacionados às violências, sejam elas físicas, psicológicas ou morais. Esse estudo contribui, portanto, para um maior conhecimento sobre o trabalho do vendedor ambulante, destacando os problemas que atingem esse grupo ocupacional, fornecendo elementos para a formulação de políticas públicas adequadas.

Palavras-chave: trabalho informal, vendedor ambulante, riscos à saúde.

ABSTRACT

Many economic transformations have occurred internationally with great and significant repercussions on the labor market. These changes have provoked, among others, an enlargement of precarious and informal jobs. In Brazil, there has been an increase of the unemployment rate and a decrease in the quality of jobs, which becomes apparent with the growth of the number of workers participating in the informal sector of the economy. In Salvador the number of employees without a formal job contract has increased, typifying the precariousness of jobs in this urban area. Generally, informal workers are involved in more dangerous and risky activities, with higher incidence of work related accidents as well as other health problems. Due to this context, this dissertation aims to understand the construction of meanings and cultural practices associated with the work of street vendors - traditionally inserted in the informal sector of the economy – and its impact on how these workers understand and handle the possible risks of accident and disease. This study presents a social-anthropological approach and qualitative methodology. Nine workers participated in this study; in depth interviews were utilized, guided by semi-structured scripts; in addition, participatory observation in the downtown and at the beach with daily registers from the field were done. The adopted perspective is based on the interpretive anthropology of Geertz, making an effort to leave evident the symbolic system that subsists in this social group. The results demonstrate that the work as a street vendor is described as exhaustive, and extremely discriminated against. Moreover, this type of work can become a source of suffering due to the fact that social devaluation and discredit come along with it; work as a street vendor is not a choice, but an activity that is a consequence of unemployment, low educational level and low professional qualification. The work process varies according to the type of merchandise marketed. Street vendors recognize that this kind of work may bring negative health outcomes; these can be illnesses such as skin cancer and mycoses, or accidents such as falls, cuts and burns. It is possible to identify the presence of traditional risks, linked to specific forms of illnesses and experienced accidents; invisible risks are fundamentally expressed in the social devaluation; and risks related to moral, physical or psychological violence. This study contributes to a broader understanding about the work of street vendors, highlighting the problems faced by this occupational group, providing elements to formulate and develop appropriate public policies.

Key Words: Informal jobs, street vendors, health risks.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	
O TRABALHO E SUA RELAÇÃO COM A SAÚDE	18
O trabalho informal e suas implicações para a saúde	21
O comércio ambulante	27
CAPÍTULO 2	
O TRABALHO ANTROPOLÓGICO	31
A concepção de cultura	32
A etnografia	35
CAPÍTULO 3	
SOBRE A PERCEPÇÃO DE RISCO E OS ACIDENTES DE TRABALHO	38
A percepção de risco	38
Os acidentes de trabalho	43
CAPÍTULO 4	
CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	47
CAPÍTULO 5	
O TRABALHO DO VENDEDOR AMBULANTE	56
Descrevendo o contexto de estudo	56
O perfil desses trabalhadores	65
Características do trabalho	68
CAPÍTULO 6	
SIGNIFICADOS E VALORES ASSOCIADOS AO TRABALHO DO VENDEDOR AMBULANTE	83

CAPÍTULO 7

“TRABALHO PUXADO”: OS RISCOS À SAÚDE E OS

ACIDENTES DE TRABALHO

90

Os riscos no trabalho do vendedor ambulante

90

Os acidentes

96

CAPÍTULO 8

CONSIDERAÇÕES FINAIS

101

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

108

INTRODUÇÃO

O cenário econômico internacional tem sido palco de muitas transformações nos últimos trinta anos, levando o mercado de trabalho a se tornar permanente objeto de análises devido a sua importância e impactos produzidos sobre a vida social. Desde então, as economias mundiais tentam se acomodar às exigências do mercado e da mobilidade do capital no plano internacional, e novas formas organizacionais se impõem no interior das empresas. Por outro lado, as relações intersetoriais se modificam, proporcionando uma redução dos empregos no setor industrial e uma expansão, pelo menos relativa, do emprego no setor terciário, bem como um avanço nas ocupações precárias e informais (MENEZES, 2003).

O mercado de trabalho brasileiro vem sofrendo, nas últimas décadas, os reflexos dessas transformações em função de novos padrões tecnológicos e organizacionais, com o aumento do número de desempregados, e a queda da qualidade dos empregos (GOMEZ e LACAZ, 2005), evidente no crescimento das ocupações temporárias e precarizadas e da participação de trabalhadores no setor informal da economia (LIMA, 2002). Dados do Banco Mundial indicam que 50% da mão-de-obra não rural brasileira está no mercado informal da economia. Isto tem acontecido de modo mais expressivo nos grandes centros urbanos onde os trabalhos sem carteira assinada correspondiam a 87% das ocupações no período de 1992 a 2002 (MCKINSEY e COMPANY, 2004). De acordo com Azevedo (1999) e Montali (2000), as regiões de Salvador e São Paulo, respectivamente, vêm sofrendo as consequências desses processos, materializadas no aumento do desemprego, na redução dos postos de trabalho e na flexibilização das

relações de trabalho. Na Região Metropolitana de Salvador, essas transformações vêm ocorrendo de modo muito marcante, conforme demonstrado no aumento do número de empregados sem carteira assinada, que caracteriza a precarização do emprego nesta área urbana (BRAGA e FERNANDES, 1999), a 3ª maior do País (IBGE, 2005).

Estudos têm demonstrado que os trabalhadores informais apresentam maiores incidências de acidentes de trabalho e outros problemas de saúde (LOOMIS, 2005). No entanto, os estudos sobre o impacto desse tipo de trabalho sobre a saúde e o bem-estar dos trabalhadores ainda são escassos e, em sua maioria, são estudos de natureza epidemiológica (IRIART *et al*, 2006).

Diante da complexidade que as transformações das relações de trabalho têm alcançado em todo o mundo, não existe um consenso para explicar as causalidades da diminuição dos empregos fixos e o aumento de outras modalidades de trabalho. Para o Banco Mundial, a explicação está na falta de liberdade presente no comércio internacional e no impacto das novas tecnologias sobre a sociedade. Já a OIT responsabiliza o fraco crescimento econômico para justificar esses problemas. Nas economias menos avançadas, dentre as razões já apresentadas para os países avançados, pode-se acrescentar a heterogeneidade das relações de trabalho, mesmo considerando o avanço das relações assalariadas verificadas desde o pós-guerra. Dessa forma, a falta de homogeneidade das relações de trabalho, tanto em seu formato como nas formas de remuneração como, por exemplo, o trabalho autônomo, o subcontratado, o trabalho por projeto, por prazo determinado, por tempo parcial, entre

outros, tem assegurado a existência de espaços informais como “bolsões” de atraso social e econômico (MENEZES, 2003).

Ao discutir a precarização do trabalho, Castel (1998) se refere à transitoriedade dos empregos disponíveis no mercado. Para esse autor, grande parte da população aparece como relativamente empregável para tarefas de curta duração, facilmente passível de ser demitida. Face à necessidade do indivíduo desempregado de encontrar um mecanismo de sobrevivência, muitas vezes, é levado a se satisfazer com alternativas ocupacionais mais precárias, sem contrato formal de trabalho, aumentando, por conseguinte, o grau de informalidade econômica e os riscos para a saúde (MENEZES, 2003). Na maioria das vezes, as condições de trabalho são totalmente insalubres e inseguras e os serviços executados são mais arriscados e perigosos. No trabalho informal, os trabalhadores não se encontram cobertos por medidas de proteção à saúde, não havendo garantia da compensação financeira em casos de doenças e acidentes.

Os vendedores ambulantes apresentam como característica de inserção no mercado de trabalho o setor informal da economia (SÁ e IBANHES, 2000). Exercem sua atividade num ambiente caracterizado por ausência de limites físicos ou territoriais, grande amplitude e desorganização - a rua (DIAS, 2002). Por realizarem suas atividades ao ar livre, esses trabalhadores, entre outros aspectos, ficam expostos ao calor, à chuva e às variações de temperatura (VELLOSO *et al*, 1997).

Entretanto, estudos sobre o trabalho do vendedor ambulante e os efeitos sobre a saúde desses trabalhadores são escassos. Eles têm sido realizados mais frequentemente sob a perspectiva de saúde voltada para o consumo de alimentos. Eles se interessam nas vantagens e desvantagens para o consumidor e na falta de uma estrutura adequada para o comércio de alimentos (HERNANDEZ *et al*, 1996). Daí a necessidade de estudos que abordem a saúde dos vendedores ambulantes cujo contexto é caracterizado por condições de trabalho precárias, e pela falta de medidas de segurança, de proteção à saúde e de seguridade social, tornando-se importante compreender de que forma esses trabalhadores pensam, percebem e se posicionam em relação a esse tipo de trabalho e de que maneira ele afeta sua saúde.

O desenvolvimento de estudos que privilegiem o ponto de vistas dos trabalhadores, resgatando as experiências vivenciadas, bem como as suas práticas e os significados dessas ações, possibilita a compreensão de aspectos importantes a respeito do trabalho e dos riscos à saúde, pois é a partir da fala dos atores sociais envolvidos neste contexto que se torna possível apreender a subjetividade da relação do trabalhador com o seu trabalho, que age sobre ele instituindo formas de pensar, de sentir, de ser e delimita práticas sociais nele referenciadas (TITTONI, 1994). Isto porque se entende que os trabalhadores são atores sociais que sofrem as determinações de suas condições objetivas de existência, mas que também interpretam, explicam e agem sobre a realidade construindo uma visão de mundo que reflete as contradições e conflitos presentes nas condições sociais em que estão inseridos (MINAYO, 1992).

Na presente dissertação, buscou-se, a partir de uma perspectiva sócio-antropológica, compreender os significados e as práticas associados ao trabalho do vendedor ambulante que podem interferir na saúde destes trabalhadores. Esse grupo foi tomado como população de estudo devido ao tipo de inserção ocupacional, já que é uma atividade exercida essencialmente sem contrato formal de trabalho, tendo, portanto, o setor informal como característica dessa inserção (SÁ e IBANHES, 2000). No setor informal, as condições de trabalho são precárias e não existem medidas de proteção à saúde. Dessa forma, esses fatores podem contribuir para a ocorrência de doenças ou acidentes de trabalho.

Destaca-se também como objetivo desse estudo conhecer a visão dos vendedores ambulantes sobre suas condições de trabalho, além de compreender como os riscos de acidentes e adoecimento no trabalho são percebidos por estes trabalhadores, e identificar e entender as práticas sociais elaboradas em virtude da ocorrência de acidente de trabalho ou adoecimento.

Como os estudos que enfocam a relação entre o trabalho e a saúde dos vendedores ambulantes são escassos, essa dissertação poderá contribuir para preencher essa lacuna no conhecimento, destacando os problemas que atingem esse grupo ocupacional, a partir das falas dos próprios trabalhadores e fornecendo subsídios para o desenvolvimento de ações com o objetivo de melhorar o seu estado de saúde.

O primeiro capítulo da dissertação é composto por uma apresentação e discussão do tema trabalho e sua interface com a saúde. Em seguida, busca-se discutir a

problemática que envolve o trabalho informal a partir de alguns estudos que abordam este tipo de inserção no mundo do trabalho, associando suas possíveis consequências para a saúde. Ainda nesta seção, é apresentada uma revisão de literatura sobre o comércio ambulante através da caracterização dessa atividade, bem como as repercussões na saúde desses trabalhadores.

No capítulo 2, discute-se a importância do trabalho antropológico para compreender a lógica que permeia a teia de significados que orienta as experiências intersubjetivas de um determinado grupo social. Para atender a esses objetivos e especificidades do estudo, será desenvolvido o conceito de “*Cultura*” e “*etnografia*” de Geertz, descrevendo suas principais premissas em virtude da necessidade de utilizar elementos teóricos que enfoquem a questão cultural de um grupo específico.

O capítulo 3 traz o conceito de risco em suas diversas perspectivas, destacando-se as discussões que as Ciências Sociais têm realizado sobre esse tema, bem como o conceito de acidente de trabalho e suas características.

O capítulo 4 é destinado às considerações metodológicas. Os procedimentos adotados sobre métodos e técnicas para a produção e análise de dados são descritos com a apresentação do instrumento de pesquisa empregado, bem como a sua forma de aplicação e as etapas do trabalho de campo. A perspectiva de análise de dados adotada também se encontra presente nesse capítulo.

O capítulo 5 inicia a apresentação dos resultados da pesquisa. Essa seção é composta pela descrição dos contextos do estudo, pelo perfil dos trabalhadores que participaram das entrevistas e pela apresentação das características do trabalho de vendedor ambulante, abordando aspectos relacionados ao processo de trabalho, destacando o conteúdo das atividades e os instrumentos utilizados, bem como as suas condições de trabalho.

No capítulo 6, encontram-se os resultados relacionados aos valores, sentimentos e elementos socioculturais, que constituem a imagem ou representação do trabalho do vendedor ambulante. Nesse capítulo, portanto, destacam-se os significados associados a essa ocupação.

O capítulo 7 compreende os resultados acerca da percepção de risco à saúde identificada entre os vendedores ambulantes. São descritas as percepções que esses trabalhadores têm sobre o risco de se acidentar ou adoecer em virtude do seu trabalho. Nessa seção, constam ainda os acidentes vivenciados, assim como suas repercussões.

Por fim, o último capítulo da dissertação é destinado às considerações finais sobre o estudo e contém uma síntese das principais reflexões realizadas ao longo do trabalho, além de pontuar os aspectos positivos e as limitações da pesquisa, ressaltando as possíveis contribuições do estudo em prol da saúde desses trabalhadores.

CAPÍTULO 1 - O TRABALHO E SUA RELAÇÃO COM A SAÚDE

Este capítulo aborda o tema trabalho e sua interface com a saúde, seguido por uma discussão da problemática que envolve o trabalho informal e suas possíveis consequências para a saúde a partir de alguns estudos sobre este modo de inserção no mundo do trabalho. Ainda nesta seção, é apresentada uma revisão da literatura sobre o comércio ambulante através da caracterização dessa atividade, bem como as repercussões na saúde desses trabalhadores.

Para entender a relação entre saúde e trabalho é fundamental a reflexão sobre alguns conceitos que auxiliam na compreensão da múltipla determinação do processo saúde/doença no trabalho (RANGEL-S e PENA, 2004).

As sociedades se organizam, essencialmente, a partir das relações de produção estabelecidas, ou seja, as modalidades de organização da produção determinam as formas de inserção do homem na atividade produtiva, de divisão do trabalho e das relações de trabalho que se constituem no conjunto das relações humanas existentes em cada sociedade (RANGEL-S e PENA, 2004). O trabalho, além de garantir a sobrevivência, constitui-se num espaço de socialização humana, podendo contribuir para a formação da identidade pessoal e subjetiva. Entretanto, o conceito de trabalho é extremamente complexo, sendo abordado por várias disciplinas.

Em sua origem etimológica, a palavra **trabalho** significa “máquina para dominar bois, cavalos bravos etc., com o objetivo de ferrar (BLOC e WARTBURG, 1950 *apud*

RANGEL-S e PENA, 2004)”. Originário do latim *tripalium* - instrumento de tortura na Roma Antiga - o trabalho, na escravidão ou regime servil, era interpretado como castigo ou estigma e inexistia a preocupação em preservar a saúde daqueles que lhe estavam sendo submetidos (DAMATTA, 2001; NOSELA, 1989).

Em termos gerais, o trabalho representa “uma atividade cujo fim é utilizar as coisas naturais ou modificar o ambiente e satisfazer as necessidades humanas” (ABBAGNANO, 1999). Assim, trabalho pode ser definido como “a atividade humana de transformar a natureza, produzindo objetos com valores de uso e valores de troca”, (RANGEL-S e PENA, 2004) e essa atividade se desenvolve em um processo de trabalho, definido como “um conjunto coordenado de atividades e relações envolvidas na transformação das matérias-primas em produtos utilizáveis em que os campos econômico, político e ideológico estão combinados de modo inseparável numa relação de determinação mútua”. (BURAWOY, 1984 *apud* RANGEL-S e PENA, 2004).

Embora apresente diversas dimensões, a dimensão técnica do processo de trabalho é a mais considerada nas diversas disciplinas e inclui a relação dos agentes de produção e os trabalhadores com seu objeto de trabalho, que é uma matéria bruta ou prima que vai ser transformada mediante a atividade de trabalho. Esta atividade é realizada com o uso de meios e instrumentos de trabalho e origina produtos que possuem valor de uso e valor de troca, portanto, em mercadorias.

A conformação do processo de trabalho é um dos elementos-chave para a compreensão dos determinantes da saúde do trabalhador, tornando-se necessário

decompô-lo em seus elementos constitutivos para analisá-los, e depois voltar a reconstituí-lo como processo global, resgatando seu movimento dinâmico com relação à saúde do trabalhador (MENDES e DIAS, 2000). Segundo Laurell e Noriega (1989), a relação trabalho/saúde coloca no centro de análise o caráter social do processo saúde-doença e a necessidade de entendê-lo na sua articulação com o processo de produção, que organiza toda a vida social e permite estudar a lógica de acumulação e seu meio – o processo de trabalho como um modo específico de trabalhar e se desgastar. O conceito de processo de trabalho, portanto, constitui-se numa referência central para o entendimento dos padrões de desgaste dos trabalhadores, permitindo a análise do impacto dos processos de trabalho específicos nas condições de morbimortalidade da população trabalhadora (MINAYO-GOMES e THEDIM-COSTA, 2003).

Embora o trabalho possa ser considerado como um produtor de saúde na medida em que contribui para a construção da identidade e possibilita a participação dos indivíduos na vida social, a sua forma de organização e exercício na sociedade atual podem produzir efeitos negativos tais como os acidentes, o adoecimento e a morte (MENDES e DIAS, 2000). Desde elementos físico-químicos como poeiras, substâncias químicas, ruído, vibração, calor ou frio excessivos, etc., aspectos ergonômicos, entre eles, postura e movimentos requeridos pelo trabalho, até elementos psíquicos e relacionais como a tensão, monotonia, etc. constituem fatores responsáveis por danos à saúde dos trabalhadores (FACCHINI, 1994).

Apesar de todas as dificuldades, o trabalho permanece sendo uma das principais fontes de satisfação material e moral do trabalhador (ZALUAR, 1994) e ainda constitui a principal marca de identificação do trabalhador (DUARTE, 1986).

O Trabalho Informal e suas Implicações para a Saúde

As relações de trabalho, compreendidas como um conjunto de arranjos institucionais e informais que modelam e transformam as relações sociais de produção nos locais de trabalho, vêm, nas últimas décadas, transformando-se em todo o mundo. Praticamente em todos os países, estão ocorrendo a diminuição dos empregos fixos e o aumento de outras modalidades de trabalho, como o trabalho autônomo, o subcontratado, o trabalho por projeto, por prazo determinado, por tempo parcial, entre outras (MENDES e CAMPOS, 2004).

Os conceitos desenvolvidos para definir trabalho informal são muitos e podem apresentar-se de maneira divergente e controversa na literatura, comportando, historicamente, múltiplos significados e distintos usos, o que propicia a coexistência de uma grande variedade de abordagens sobre a questão (BRAGA e FERNANDES, 1999; FILGUEIRAS e AMARAL, 2003). Atualmente, no debate sobre trabalho informal, existe uma série de termos utilizados como “setor não-estruturado da economia”, “setor não-organizado”, “setor não-protégido”, “subemprego”, “desemprego disfarçado”, “estratégia de sobrevivência”, demonstrando a existência de diferentes visões e avaliações sobre o assunto (MENDES e CAMPOS, 2004). Como esses distintos conceitos sintetizam fenômenos econômicos bastante heterogêneos, tanto em relação às suas respectivas

naturezas quanto às suas diferentes dinâmicas, podem dificultar a compreensão da estrutura e dinâmica do mercado de trabalho caso não sejam claramente definidos teórico e operacionalmente (FILGUEIRAS e AMARAL, 2003).

O termo “Setor Informal” foi criado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e utilizado pela primeira vez em 1972, nos relatórios sobre Gana e Quênia, elaborados no âmbito do Programa Mundial de Empregos. Esse relatório descrevia que, nessas localidades, mais grave do que o problema do desemprego, era a existência de uma grande número de “trabalhadores pobres”, ocupados em produzir bens e serviços sem que suas atividades estivessem reconhecidas, registradas, protegidas ou regulamentadas pelas autoridades públicas. Segundo o Programa Regional de Emprego para a América Latina e Caribe - PREALC, o setor informal é composto por pequenas atividades urbanas, geradoras de renda, que se desenvolvem fora do âmbito normativo e oficial, em mercados desregulamentados e competitivos, em que é difícil distinguir a diferença entre capital e trabalho (MENDES e CAMPOS, 2004).

Em seus diversos estudos sobre o tema, Filgueiras e Amaral (2003) apresentam uma distinção das atividades econômicas informais a partir de dois critérios: o primeiro diferencia o formal do informal a partir das respectivas lógicas de funcionamento de suas atividades - se tipicamente capitalista ou não, e o segundo delimita essa diferença de acordo com a legalidade ou ilegalidade dessas atividades. Esses critérios deram origem a três conceitos de informalidade:

1. O primeiro conceito tem como referência a forma de organização da atividade econômica - capitalista/não capitalista - e dá origem aos setores formal e informal da economia. Esse conceito abrangeria o conjunto de atividades e formas de produção não tipicamente capitalistas, caracterizadas por não terem a busca do lucro como objetivo central e por não haver uma nítida separação entre capital e trabalho. Os trabalhadores autônomos, empregados domésticos e donos de negócio familiar seriam exemplos de integrantes do setor informal.

2. O segundo conceito se fundamenta na natureza jurídica da atividade econômica, identificando atividades e práticas ilegais e/ou ilícitas com relação às normas e regras instituídas pela sociedade. A informalidade, nesse sentido, identifica-se com a chamada economia subterrânea ou não registrada, ou ainda com a economia submersa. Os trabalhadores que não contribuem para a Previdência Social estão incluídos nessa definição.

3. O terceiro conceito de informalidade representaria a junção dos dois critérios: ilegalidade e/ou atividades e formas de produção não tipicamente capitalistas. Nesse caso, compreenderia tanto as atividades e formas de produção não tipicamente capitalistas - legais ou ilegais - quanto as relações de trabalho não registradas, mesmo que tipicamente capitalistas - assalariados sem carteira assinada.

Alves (2001), em sua dissertação sobre o setor informal onde ela discute as diferentes formas da informalidade, descrevendo que as atividades desse setor foram sofrendo

transformações ao longo dos anos, a partir da influência do setor formal da economia, classifica o setor informal da seguinte forma:

1. Trabalhos informais tradicionais: são aqueles que vivem de sua força de trabalho e, em alguns casos, incorporam a força de trabalho de familiares, mas normalmente, não contratam trabalhadores assalariados, podendo ser trabalhadores informais “estáveis”, “instáveis” ou “ocasionais/temporários”. Os trabalhadores informais “estáveis” possuem conhecimento profissional específico ou meio de trabalho bem definidos: as costureiras, **os vendedores ambulantes**, os barbeiros, entre outros. Os trabalhadores informais “instáveis” dependem de ocupação eventual, de sua força física e da disposição para realizar pequenas e diversificadas tarefas de pouca qualificação. São recrutados eventualmente, dependendo do ciclo econômico da produção ou do acúmulo de trabalho. Por exemplo: guardadores de carro, carregadores, etc. Os trabalhadores informais “ocasionais/temporários”, eventualmente, permanecem sem trabalho e desenvolvem atividades informais temporariamente, e, às vezes, passam a trabalhar como assalariados. Essa atividade é vista como secundária e o objetivo é retornar ao trabalho assalariado. Exemplos: digitador, confecção de artesanato, faxineira, etc.
2. Trabalhadores assalariados sem registro: são contratados à margem da regulamentação do mercado de trabalho, à margem das regras dos contratos por tempo indeterminado de período integral e da organização sindical.

3. Trabalhadores autônomos ou por conta própria: são aqueles geralmente mais qualificados, que possuem seus meios de trabalho e utilizam força de trabalho própria ou familiar. Comumente, possuem um capital mínimo representado pelo pequeno estabelecimento comercial e possuem meios de trabalho que lhes asseguram certa estabilidade de ocupação.
4. Pequeno proprietário informal: utiliza seu próprio trabalho e subemprega força de trabalho temporária e em condições precárias, sem os benefícios sociais e não tem a propriedade dos meios de produção.

Segundo Filgueiras e Amaral (2003), a escolha de uma concepção de informalidade pelo pesquisador deve estar associada aos objetivos que se quer alcançar com a investigação, pois cada uma delas trata de “questões teóricas” e “problemas práticos” distintos. Nessa dissertação, optou-se por adotar a classificação proposta por Alves (2001) de trabalhadores informais tradicionais “estáveis” por suas características se adequarem melhor ao objeto de estudo.

Apesar de não se constituir numa novidade para países como o Brasil, o trabalho informal vem se tornando uma realidade com dimensões ainda maiores nos últimos anos (LIMA, 2002). No Brasil, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo IBGE em 2002, revela que, de uma população Economicamente Ativa (PEA) de aproximadamente 78 milhões, 32,3 milhões estão na informalidade, e 17,4 milhões trabalham “por conta própria”, 6 milhões como domésticos, 5,8 milhões com trabalho não remunerado e 3,1 com produção para o próprio consumo.

Os direitos e benefícios sociais e trabalhistas estão atrelados ao modo de inserção do indivíduo no mercado de trabalho, como a proteção à saúde, o amparo na doença e no desemprego, reconhecimento e proteção para periculosidade, insalubridade, acidente de trabalho, entre outros. No trabalho informal, além de ser comum a remuneração abaixo do nível mínimo legal, os trabalhadores são privados dos benefícios de seguridade social e não se encontram cobertos por medidas de proteção à saúde. (IRIART *et al*, 2006).

Apesar da escassez de estudos sobre o impacto desse tipo de trabalho e seus efeitos sobre a saúde dos trabalhadores, os resultados de pesquisas conduzidas em outros países têm mostrado que trabalhadores temporários (QUINLAN *et al.*, 2001; SILVERSTEIN *et al*, 1998), terceirizados (FRANÇOIS e LIEVIN, 1995), ou do setor informal (LOEWENSON, 1998) estão envolvidos em atividades mais perigosas, ou são realizadas sem as medidas de proteção requeridas para os demais trabalhadores (QUINLAN *et al*, 2001). Estes, entre outros aspectos, colocam tal grupo de trabalhadores como em maior risco para acidentes de trabalho e outras enfermidades ocupacionais (QUINLAN *et al*, 2001).

Segundo Sampaio (1998), o aumento do número de acidentes de trabalho, por exemplo, tem como uma de suas causas a deterioração das condições de trabalho e o crescimento dos fatores de risco relacionado ao fato de que o mercado se torna mais precário. Entretanto, estudo conduzido numa área urbana do Brasil (SANTANA *et al*, 2003) sobre acidentes de trabalho não fatais e tipo de contrato de trabalho revelou que não houve diferenças significativas para a ocorrência de acidentes de trabalho não

fatais entre trabalhadores com e sem carteira assinada, embora se verifique alta incidência desses agravos à saúde, estimada em 5,8% por ano, o que evidencia sua relevância para a saúde pública. Oliveira e Mendes (1997), ao estudarem a magnitude dos óbitos relacionados com o trabalho, relatam que os trabalhadores desassistidos pelo Estado, além de serem os mais atingidos pela morte no trabalho, estão excluídos dos dados oficiais de acidentes de trabalho, contribuindo para o mascaramento dos números totais e reais.

Diante desse contexto, pode-se concluir que a inserção dos trabalhadores no setor informal traz algumas implicações. De maneira geral, as condições de trabalho nesse setor são perigosas e insalubres, observando-se nelas a presença de múltiplos fatores de risco para a saúde e a ausência de dispositivos e mecanismos básicos de proteção. Soma-se a esses fatores de risco presentes ou decorrentes do trabalho a ausência de proteção legal, o descumprimento de normas básicas de segurança, a ausência de fiscalização, além da falta de cobertura do seguro social e acidentes de trabalho. Parte das atividades desse setor ocorre ainda em ambientes caracterizados por ausência de limites físicos ou territoriais, grande amplitude, desorganização ou mobilidade dos espaços de trabalho como ocorre com os vendedores ambulantes cuja atividade é desenvolvida nas ruas (DIAS, 2002).

O Comércio Ambulante

Estudos têm demonstrado que algumas ocupações têm a informalidade como característica histórica importante de sua inserção no mundo do trabalho como as

empregadas em serviços domésticos (LAUTIER e PEREIRA, 1994; SANTANA *et al*, 2003), operários da construção civil (LAUTIER e PEREIRA, 1994) e vendedores ambulantes (SÁ e IBANHES, 2000).

De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO, 2002), vendedor ambulante é definido como “trabalhadores que vendem mercadorias em vias e logradouros públicos, planejam atividades de vendas e definem itinerários”. Esses trabalhadores compram, preparam e transportam mercadorias para a venda. Trabalham sem vínculo empregatício, em horário diurno ou noturno, em pé, por longos períodos, sujeitos à exposição de ruídos, condições adversas de temperatura e material tóxico, que pode resultar em efeitos sobre a saúde.

Entretanto, o trabalho do vendedor ambulante e o seu impacto sobre a saúde ainda são aspectos pouco estudados. Pouco é conhecido sobre o ambiente e a organização do trabalho, ou mesmo suas características.

Estudos desenvolvidos em outros países têm analisado a saúde dos vendedores ambulantes, revelando que, por trabalharem por longas horas nas ruas, eles poderiam estar mais intensamente expostos a produtos químicos presentes nas emissões dos veículos. Os resultados mostraram que estes trabalhadores apresentavam níveis mais elevados de chumbo, monóxido de carbono e compostos orgânicos voláteis em comparação com outros trabalhadores, embora esses dados necessitem de estudos complementares (FURMAN e LALELI, 2000; MENESES *et al*, 1999; ROMIEU *et al*, 1999; FERNADEZ-BREMAUNTZ *et al*, 1993).

Um estudo internacional realizado com mulheres vendedoras ambulantes revelou que elas, em sua maioria, apresentaram alguma doença ou acidente de trabalho, como problemas musculoesqueléticos, dores de cabeça, cortes e queimaduras. Além disso, casos de violência, de abuso verbal e físico e de roubo estão presentes no cotidiano dessas mulheres (PICK *et al*, 2002).

Outro tema envolvendo as vendedoras ambulantes refere-se ao risco que essas trabalhadoras podem ter de terem um filho com baixo peso ao nascer (HERNADEZ-PENA *et al*, 1999). Um aspecto importante abordado em um dos estudos diz respeito à forma como essas mulheres cuidam de seus filhos, que podem ser levados para o local de trabalho para que possam cuidá-los pessoalmente, ou deixados com outros membros da família. Como resultado da permanência nas ruas, essas crianças sofrem mais de doenças gastrointestinais e acidentes (HERNANDEZ *et al*, 1996).

Sá e Ibanhes (2000), analisando trajetórias profissionais de vendedores ambulantes, identificaram três eixos de representações. No primeiro eixo, a atividade de ambulante é vista pelos trabalhadores como a única possível por conta do desemprego, das condições de saúde e da idade avançada. No segundo eixo, o trabalho informal é percebido como algo normal, uma vez que a ausência de carteira assinada não se constitui em uma novidade e sim, em algo normal, como uma espécie de continuidade na vida desses trabalhadores. O terceiro eixo de representação é caracterizado por uma certa dubiedade onde o trabalho informal não aparece como única saída possível, mas também não é considerado algo absolutamente normal. Esses trabalhadores preferiam voltar para o trabalho formal, mas não de forma incondicional.

As dificuldades enfrentadas por esses trabalhadores, portanto, são grandes em função do modo de inserção no mercado de trabalho, sendo necessários estudos que abordem esse tema.

CAPÍTULO 2 - O TRABALHO ANTROPOLÓGICO

Neste capítulo, discute-se a importância da perspectiva antropológica para a compreensão da lógica que permeia a teia de significados que orienta as experiências intersubjetivas de um determinado grupo. Lança-se mão dos conceitos de “*Cultura*” e “*etnografia*” de Geertz e suas principais premissas em virtude da necessidade de utilizar elementos teóricos capazes de atender aos objetivos e especificidades do estudo.

A perspectiva antropológica procura conhecer a visão de mundo das pessoas, dos “nativos”, buscando compreendê-la em sua própria lógica, evitando projetar sobre elas outras categorias e preconceitos. Nesse tipo de abordagem, o pesquisador procura, através da comparação de diferentes culturas, conhecer o que é particular e universal na forma como os seres humanos constroem suas instituições e representações da realidade (OLIVEIRA, 1996). Adotando uma atitude relativista e recusando o etnocentrismo, o pesquisador deixa um pouco de lado suas próprias concepções, o que não significa, necessariamente, anular-se, mas estar suficientemente acessível às concepções alheias e às suas lógicas próprias.

A abordagem interpretativa na antropologia (GEERTZ, 1989) é de grande importância na medida em que guia o olhar do investigador para o rastro das significações, e seu ponto central é auxiliar o pesquisador a ganhar acesso ao conjunto de significados no qual convivem os sujeitos de forma a poder, no sentido mais amplo, conversar com eles. Geertz reconhece, entretanto, que o pesquisador só tem acesso a uma pequena parte do universo dos informantes e, portanto, não pode alcançar o discurso social

bruto do qual não participa, ressaltando que qualquer tentativa de conhecer o universo do outro terá sempre um caráter de aproximação.

O ponto fundamental da abordagem antropológica é o conceito de cultura, definido como um sistema simbólico; formas de pensar que conformam uma visão de mundo; valores e motivações conscientes e inconscientes; uma espécie de lente através da qual as pessoas interpretam e dão sentido ao seu mundo (GEERTZ, 1989). Assim, os indivíduos herdaram um conjunto de princípios, conceitos, regras e significados que modelam e se expressam na forma como vivem, construídos a partir de matrizes culturais de cada sociedade que articulam representações sobre diversas esferas sociais, entre as quais se incluem as representações sobre trabalho, saúde e doença, formando um sistema simbólico (IRIART, 2004).

A partir de uma abordagem interpretativa da cultura, torna-se possível compreender os sentidos e significados que permeiam os universos sociais e culturais. Considerando a cultura como uma “teia de significados” (GEERTZ, 1989), o papel do pesquisador é encontrar esses sentidos através de uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989) desses universos.

A Concepção de Cultura

A concepção de cultura proposta por Geertz (1989) fundamenta-se na ideia de que “o homem é um animal amarrado em uma teia de significados que ele mesmo teceu”, assumindo a cultura como uma dessas teias e a sua análise, portanto, como uma

ciência interpretativa à procura de significado (GEERTZ, 1989). Para este autor, a cultura, enquanto sistema de signos correlacionados e interpretáveis, estaria inserida em um contexto no qual os diferentes eventos se tornam inteligíveis.

A cultura, portanto, pode ser definida como o universo de símbolos e significados a partir dos quais se estruturam as situações concretas, ou seja, como o conjunto de regras que orienta e dá significado às práticas e à visão de mundo de um determinado grupo social, permitindo aos indivíduos de um grupo interpretar a experiência e guiar suas ações. A cultura é a forma que determinado grupo social estabelece para classificar as coisas e lhes atribuir um significado (VÍCTORA *et al*, 2000).

Assim, cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual se deve procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes e concepções. De acordo com essa perspectiva, as percepções, as interpretações e as ações são culturalmente construídas.

Para Geertz (1989), no entanto, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos, casualmente, os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos. Ela, enquanto um sistema de signos correlacionados e interpretáveis que podem ser descritos de forma inteligível, está inserida em um contexto. Dessa forma, a cultura, as representações e percepções devem ser compreendidas não como determinantes das ações dos indivíduos, mas como “teias de significados” que orientam e influenciam tais ações. Nesse sentido, ela não deve ser apreendida como um conjunto homogêneo e completamente coerente de significações, pois, assim como a

sociedade, ela é complexa e multifacetada, comportando contradições e a coexistência, no mesmo contexto social, de diferentes visões de mundo e quadros de referência (IRIART, 2004).

A interpretação antropológica, nesse caso, consiste em identificar um discurso social num dado momento e fixá-lo de forma que o torne compreensível, sem necessariamente, transformá-lo num texto fechado e acabado. A tarefa do pesquisador é descobrir as visões de mundo que se entrelaçam aos atos dos sujeitos, sobretudo através do discurso e desenvolver uma análise que atenda aos aspectos genéricos, mas também particulares a essas estruturas através de uma teoria cultural cujo papel seria fornecer um vocabulário no qual possam ser expressas tais concepções ou simbologias construídas sob determinadas condições de vida (Geertz, 1989).

De acordo com Oliveira (1996), para compreender o sistema cultural de um grupo específico, além da observação e análise do comportamento, é necessário ouvir para se dar conta da natureza das relações sociais mantidas entre as pessoas. A obtenção de explicações fornecida pelos próprios indivíduos permite chegar àquilo que os antropólogos chamam de “modelo nativo”, que é considerado a matéria-prima para o entendimento antropológico. Zaluar (1986) afirma que, para entender a cultura do ponto de vista do sujeito que fala, atua e pensa, o antropólogo precisa analisar tanto as representações quanto às ações, na medida em que ambas podem ser, simultaneamente, reprodutoras e transformadoras.

É, portanto, o arcabouço teórico de Geertz que permite apreender os elementos simbólicos, representações, teias de significações, que, uma vez construídos pelos indivíduos em suas interações com os outros, constituem e influenciam suas práticas e visões de mundo.

A Etnografia

Segundo Geertz (1997), é a partir da imersão do pesquisador no ambiente do sujeito observado, convivendo com ele no seu próprio contexto, que se pode compreender o seu “ídioma cultural”, “ver as coisas do ponto de vista do nativo”, além de possibilitar a detecção de reações afetivo-emocionais sobre os temas investigados que são pouco detectáveis em entrevistas.

A etnografia se constitui no método de investigação característico da antropologia, podendo ser definida como “a arte e a ciência da descrição e análise da cultura de um grupo” (FETTERMAN, 1998 *apud* IRIART, 2004). Segundo Geertz (1989), a etnografia é uma descrição densa onde o pesquisador procura compreender as teias de significados que envolvem os atores sociais a partir de sua imersão no universo cultural do grupo estudado, traduzindo para sua própria cultura a forma de pensar desse grupo. Nela, são produzidas construções interpretativas, com os diversos determinantes que comporta (históricos, políticos, subjetivos, etc.) sobre as realidades que se pretende compreender, extrapolando-as.

Para esse autor, a etnografia não se resume apenas em “observar, registrar e analisar” a vida cotidiana das pessoas no seu contexto social. Ela exige do pesquisador um esforço de aproximação na tentativa de estabelecer não só uma relação de proximidade com a comunidade em estudo, mas também de distanciamento para apreender as dimensões da cultura, visíveis a partir de um olhar distanciado.

A abordagem etnográfica permite, portanto, apreender o subjetivo – valores, percepções, atitudes, sentimentos através de uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989) a partir de uma multiplicidade de estruturas complexas, sobrepostas ou amarradas umas às outras, as quais devem ser apreendidas e depois, apresentadas. A descrição etnográfica é, portanto, interpretativa. Uma tarefa bastante difícil inerente ao trabalho do pesquisador no campo é a necessidade de captar as experiências das outras pessoas ou “conceitos de experiência-próxima” e promover a aproximação com os “conceitos de experiência-distante”, desenvolvidos pelos teóricos para compreender aspectos mais gerais da vida social (GEERTZ, 1997). Segundo este autor, o conceito de “experiência-próxima” refere-se ao modo como alguém naturalmente define aquilo que seus semelhantes vêem, sentem e imaginam, e que ele próprio entenderia facilmente se o usassem da mesma maneira. São conceitos usados no cotidiano pelas pessoas de um determinado grupo social. Já a “experiência-distante” refere-se aos conceitos que os especialistas de qualquer tipo utilizam para levar a cabo seus objetivos científicos, filosóficos ou práticos. O uso destes conceitos possibilita o diálogo crítico entre o discurso acadêmico e o discurso de trabalhadores, além de identificar em que ponto estes dois saberes se aproximam e se afastam. Sendo assim, o emprego apropriado

destes conceitos possibilita uma interpretação capaz de esclarecer determinadas manifestações culturais, permeada por influência de ambas as partes.

A etnografia interpretativa possui três características na sua descrição: ela é interpretativa, o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o 'dito' (Geertz, 1989). Um dos elementos importantes na etnografia é a triangulação da informação na qual o pesquisador compara dados oriundos de três níveis da realidade: relatos de informantes, observação de práticas e documentos escritos. O pesquisador deve partir da premissa de que nem sempre o discurso das pessoas corresponde às suas práticas concretas e vice-versa. O discurso dos informantes pode conter racionalizações que não se traduzem na prática, quando o informante se encontra numa situação concreta. Da mesma maneira, pode haver diferença significativa entre o que está escrito em documentos e aquilo que é efetivamente realizado na prática cotidiana.

Nas pesquisas na área de saúde onde, frequentemente, não se dispõe de longos períodos de tempo que caracterizam a etnografia tradicional, a observação-participante pode ser realizada de forma focal, direcionando a observação sistemática para aspectos pertinentes ao tema investigado (IRIART, 2004).

A presente dissertação adotou esse tipo de procedimento e buscou compreender os significados partilhados por vendedores ambulantes da cidade de Salvador com relação ao seu trabalho e as formas como este pode afetar sua saúde.

CAPÍTULO 3 - SOBRE A PERCEPÇÃO DE RISCO E OS ACIDENTES DE TRABALHO

Este capítulo apresenta o conceito de risco em suas diversas perspectivas, destacando-se as discussões que as Ciências Sociais têm realizado sobre esse tema, bem como o conceito de acidente de trabalho e suas características.

A Percepção de Risco

A participação dos trabalhadores enquanto sujeitos de sua vida e de sua saúde permite um melhor conhecimento das relações saúde-trabalho, dos efeitos negativos do trabalho sobre a saúde-doença, bem como das suas condições de trabalho e saúde (MENDES e DIAS, 2000; PORTO e FREITAS, 1997).

Pensar a percepção de risco a partir de uma perspectiva sociocultural implica, fundamentalmente, em pensá-la enquanto intrinsecamente relacionada ao contexto social, às experiências individuais e coletivas, ao conjunto de valores e crenças dos indivíduos, bem como aos significados que os mesmos atribuem às suas diversas vivências (XAVIER, 2005). Entretanto, o conceito de risco é utilizado de diversas formas por diferentes áreas disciplinares, tornando-se um constructo polissêmico.

O conceito de risco está amplamente presente em toda a sociedade, sendo adotado e incorporado ao discurso e situações cotidianos. Segundo Spink (2001), o conceito moderno de risco surgiu para designar a possibilidade de ocorrência de eventos futuros

em um momento histórico caracterizado pela expansão do capitalismo, que implicou na incorporação cultural da noção de probabilidade. Embora em seu uso inicial a palavra risco designasse, de forma neutra, possibilidades de ganhos ou perdas, atualmente, o risco sintetiza, na maioria das vezes, significados negativos como perigo, desordem e doença. Esse conceito delimita duas situações ou eventos, ocupando um papel intermediário entre dois lados opostos.

A polissemia do risco é resultado do próprio sentido ambíguo que este termo adquire. No campo científico, são várias as definições para risco. Para a Economia e a Engenharia, ele está relacionado a uma expressão quantitativa expressa pela probabilidade de ocorrência de dano em um tempo ou número de ciclos operacionais (RANGEL-S, 1992). A Engenharia costuma, ainda, quantificar monetariamente suas consequências, demonstrando a influência do modelo custo-benefício. As definições técnico-científicas elaboradas pela Epidemiologia procuram definir precisamente o que é risco a partir de uma perspectiva de mensuração, relacionando-o a um evento ou probabilidade de ocorrência de patologia em uma população específica (ALMEIDA FILHO, 1997). Segundo Ayres *et al* (2003), as análises de risco realizadas epidemiologicamente são baseadas em processos de abstração deste conceito com representação matemática e adverte que essa precisão formal não considera aspectos fundamentais da realidade para quem pensa a prevenção: a subjetividade, a significação, a interação e a dinamicidade. Essas disciplinas definem o risco conferindo privilégio a algumas dimensões - fatores de risco - que são apenas fragmentos de uma totalidade complexa.

As Ciências Sociais introduziram elementos socioantropológicos para problematizar o conceito de risco, desenvolvendo uma linha de pensamento que sugere que nenhum risco pode ser considerado isoladamente. Sua construção se dá nas relações dos indivíduos nas suas redes de sociabilidade, sendo que a prevenção ou exposição ao risco são legitimadas e valorizadas na dinâmica dessas interações (DOUGLAS, 1994). Assim sendo, o risco é resultante de diferentes processos e construções sociais que reorientam as formas de ver e pensar o risco. Eles não podem ser analisados enquanto entidades físicas que existem independentemente dos seres humanos que os analisam e vivenciam, sendo amplamente influenciados por processos sociais (PORTO e FREITAS, 1997).

As Ciências Sociais vêm estudando o risco na perspectiva daquele que o percebe: como o indivíduo percebe as situações de risco, seja como cidadão, seja como trabalhador. Os cientistas sociais não podem realizar suas análises sobre o risco a partir de um sujeito livre de sua condição social e cultural, deixando de lado fatores subjetivos que direcionam as opções dos indivíduos (GUILAM, 1996). Precisam considerar que as categorias de percepção são fabricadas na interação social, ou seja, na linguagem coletiva. Douglas (1996), em seus estudos sobre o risco, introduz a perspectiva cultural, sugerindo que as análises de risco devem se apoiar em fundamentos teóricos que conduzam à compreensão da cultura na qual os riscos estão sendo discutidos. Desse modo, a teoria cultural é o princípio para a compreensão da percepção de risco enquanto uma construção coletiva onde os indivíduos tenderiam a fazer suas escolhas à luz de valores determinados pelas instituições às quais pertencem, a partir do mundo real em que o sujeito vive.

Segundo Jasanoff (1993) *apud* Guilam (1996), existiria um consenso entre os vários estudiosos de risco a cerca das seguintes questões: a avaliação dos riscos não é um processo científico, objetivo, que possa ser reduzido a uma avaliação quantitativa; fatos e valores frequentemente se misturam, quando se lida com assuntos de alta incerteza; fatores culturais afetam a avaliação que os indivíduos fazem das situações de risco; experts e leigos percebem o risco de maneira diferente; a comunicação sobre o risco é mais efetiva se estruturada com o diálogo e não, com a transferência unidirecional do conhecimento dos experts em relação ao público leigo.

Compreender o risco, portanto, significa apreender as relações que se tecem em torno dele, a realidade daqueles que o vive, sua cultura, suas ideias, imagens, concepções e visões de mundo, considerando a percepção de risco como uma resposta culturalmente tomada (DOUGLAS, 1996). Nessa perspectiva, os sujeitos são pensados como atores sociais que constróem e são construídos pela ordem social em que vivem e os riscos são codificados e hierarquizados a partir dessa interação dos indivíduos com seu contexto social. Dessa forma, quando estes indivíduos são questionados sobre qual risco lhes afronta, eles recorrem a alguma norma culturalmente estabelecida de cautela a ser utilizada como forma de priorizar riscos aceitáveis ou não.

Rangel-S (1992) denomina “cultura de risco” o conjunto de práticas e representações sociais do indivíduo frente aos riscos, formas de identificação e proteção contra os riscos e as formas de sua ruptura e redefinição, expressas nos acidentes de trabalho e doença ocupacional. De acordo com os jogos sociais e os traços socioculturais dos

sujeitos em interação nos locais de trabalho, os riscos de acidente e doença podem assumir distintos significados, podendo ser definidos de diferentes maneiras, ocultados ou enfatizados.

Para Imperato e Mitchells (1985) *apud* Guilam (1996), quatro questões são relevantes no comportamento frente ao risco:

1. Em primeiro lugar, um grau de irracionalidade faria parte da natureza humana básica, o que traria um descompasso entre as reações e os riscos existentes.
2. Da irracionalidade, emergiria outro problema: a negação do risco.
3. A natureza imperfeita das informações interferiria com escolhas inteligentes.
4. O risco de muitos comportamentos só será visto no futuro, enquanto o benefício percebido é imediato.

Em relação aos riscos ocupacionais, os autores afirmam que a tendência seria tê-los como mais aceitáveis do que os não ocupacionais porque são vistos como riscos aceitos voluntariamente, e esta percepção seria traduzida no estabelecimento de níveis de exposição mais altos para os trabalhadores que para a população em geral. No entanto, os mesmos autores apontam para o fato de que escolhas aparentemente livres podem não ser tão livres quanto parecem, mas influenciadas por interesses políticos e econômicos.

Sendo assim, as abordagens sobre análise de risco que integram a perspectiva social caracterizam-se por serem multidimensionais, e têm por objetivo produzir um

conhecimento capaz de fundamentar decisões e medidas de intervenção e regulação de riscos, de maneira que possa contribuir para a resolução dos conflitos sociais e tornar as condições de vida e de trabalho menos patogênicas, favorecendo a saúde dos trabalhadores, da população em geral e do meio ambiente (PORTO e FREITAS, 1997).

Apesar das contribuições das análises de risco baseadas em modelos probabilistas, essas técnicas isoladas são insuficientes para definir a aceitabilidade do risco. É necessário, portanto, combinar os resultados das análises probabilistas com avaliações ou análises qualitativas que dependem, na maioria dos casos, da percepção de risco, tendo o cuidado de identificar a lógica que pode estar relacionada às concepções individuais e coletivas da população.

Os Acidentes de Trabalho

Os acidentes de trabalho estão presentes no cotidiano do trabalhador desde os primórdios da história do trabalho e passaram a constituir objeto de estudo sistemático a partir do século XIX com o avanço do processo de industrialização e das lutas operárias (MACHADO e MINAYO-GOMEZ, 1995). Eles constituem um importante problema de saúde pública, podendo causar seqüelas incapacitantes e até mesmo, a morte, o que acarreta grandes custos econômicos e sociais. Além de gerarem um gasto para o Estado em função do pagamento de benefícios, os acidentes de trabalho exigem todo um investimento no sentido de recuperação e reintegração do trabalhador ao mercado de trabalho e à sociedade em geral (PASTORE, 1999). Estima-se que os acidentes de trabalho contabilizem 14% do total dos custos estimados devido aos

agravos e doenças relacionados ao trabalho (ROZOV, 1999), embora estatísticas sobre esses eventos sejam reconhecidamente subregistradas (DORMAN, 2000). Destacam-se também, além dos danos financeiros causados pela redução da renda familiar, os danos simbólicos resultantes do estigma de acidentado ou doente imputado ao trabalhador.

Embora na percepção da população em geral e dos trabalhadores em particular ainda predominem as explicações de “fatalidade”, de “vontade divina” e de acidente como um acontecimento casual, fortuito, súbito, inesperado, portanto, não previsível e não prevenível (BINDER *et al* 1997; HOUAISS,2001), os acidentes de trabalho não ocorrem ao acaso como tende a pensar o senso comum, mas são eventos socialmente determinados por uma série de fatores presentes nos ambientes de trabalho, que vão desde as características próprias dos processos produtivos até as formas de organização e gestão do trabalho, tecnologia utilizada e medidas de proteção à saúde adotadas (LERT *et al*, 1984; LAURELL e NORIEGA, 1989; LIMA *et al* , 1999; ALMEIDA e BINDER, 2000; JACOBINA, NOBRE E CONCEIÇÃO, 2002).

Outros estudos corroboram esse conhecimento para explicar a gênese desse problema. Cohn *et al* (1985) apontam as condições de trabalho como fatores decisivos para a ocorrência dos acidentes de trabalho. Já De Lucca e Favero (1994) argumentam que os acidentes de trabalho seriam indicadores indiretos das condições de trabalho, sendo resultado não apenas da interação de fatores microambientais - agentes químicos, físicos, biológicos e ergonômicos, mas da relação de produção e seus componentes culturais, sociais e econômicos.

De acordo com esses estudos, na maioria dos casos, os fatores passíveis de desencadear os acidentes já se encontram presentes no ambiente muito tempo antes da sua ocorrência. Assim, os acidentes são eventos claramente previsíveis e, conseqüentemente, preveníveis.

Por sua vez, a determinação dos acidentes de trabalho difundida pelos órgãos oficiais e patronais é atribuída a características pessoais que impõe à vítima a culpa pelo acidente, atrasando o avanço do conhecimento dos fatores envolvidos na constituição do problema, resultando em conseqüências negativas para a prevenção (LIMA *et al* , 1999; JACOBINA, NOBRE E CONCEIÇÃO, 2002). Nessa concepção, o acidente é percebido como um elemento exógeno ao processo produtivo e não, como um de seus resultados.

Com o intuito de ir além de uma visão tecnicista e reducionista dos acidentes de trabalho, novas investigações sobre esses eventos vêm sendo desenvolvidas com o objetivo de adotar uma concepção pluricausal, mais arraigada nas relações sociais. Nesse sentido, o acidente é descrito como um evento que resulta de múltiplos fatores em interação e que é desencadeado quando as mudanças ocorridas no sistema ultrapassam as suas capacidades de controle (ALMEIDA, 2003).

De acordo com o Ministério da Saúde (2006), o acidente de trabalho pode ser definido como aquele que ocorre pelo exercício de atividade laboral, independentemente da situação empregatícia e previdenciária do trabalhador acidentado, e que acarreta dano à saúde, potencial ou imediato, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que

causa, direta ou indiretamente (concausa) a morte, ou a perda ou redução, permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho.

Outro conceito importante a ser considerado é o de incidentes. Eles não chegam a se configurar como acidentes de trabalho, mas são situações que apresentam características e potencial para causar algum dano. Eles devem ser entendidos como “sinais de alerta”, ou “quase acidentes”, ou seja, como um evento não desejado, podendo resultar em dano à pessoa, à propriedade ou perda no processo (JACOBINA, NOBRE E CONCEIÇÃO, 2002).

É necessário destacar um problema importante relacionado ao registro dos acidentes de trabalho no Brasil. As estatísticas oficiais contemplam apenas parcela da população trabalhadora vinculada ao Seguro de Acidentes de Trabalho. São excluídos das estatísticas os acidentes ocorridos com trabalhadores autônomos, os domésticos, os funcionários públicos estatutários, os subempregados, incluindo os trabalhadores informais, e muitos trabalhadores rurais.

Vale reconhecer que a ocorrência desenfreada dos acidentes de trabalho produz elevados custos sociais não apenas para as empresas e Previdência Social, mas inclui todos os demais investimentos em educação, promoção, assistência médica ambulatorial e hospitalar, programas de reabilitação, assistência social e psicológica e danos morais e psíquicos, tanto para o trabalhador como para a sua família (JACOBINA, NOBRE, CONCEIÇÃO, 2002).

CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Esta dissertação apresenta uma metodologia de natureza qualitativa e orientação etnográfica através da qual se pretende compreender os significados e práticas associados ao trabalho do vendedor ambulante que podem interferir em sua saúde.

O tipo de abordagem utilizada é guiado pela tentativa de conhecimento da lógica que atravessa as “teias simbólicas” que ordenam as experiências desses trabalhadores, construindo-se uma análise intensa e profunda do objeto.

Diante da complexidade do problema de pesquisa abordado, buscou-se uma estratégia capaz de assegurar um entendimento mais aprofundado do fenômeno em questão. Para isso, foram utilizadas várias técnicas de investigação: entrevistas em profundidade, observação-participante, acompanhando o trabalhador no seu cotidiano de trabalho por alguns meses, e registro das observações em diário de campo a fim de servir de material de apoio para posterior análise dos dados.

A observação-participante permite ao pesquisador assumir um papel de possível aceitação no ambiente do sujeito observado, convivendo com ele no seu próprio contexto com o objetivo de compreender seu idioma “cultural”, “ver as coisas do ponto de vista do nativo” (GEERTZ, 1997). Além disso, a observação-participante possibilita a detecção de reações afetivo-emocionais sobre os temas investigados, que são pouco detectáveis em entrevista.

O trabalho de campo

O trabalho de campo foi realizado de acordo com três níveis de organização, seguindo a estrutura proposta por Bibeau (1992): (1) nível factual e comportamental em que as práticas cotidianas são observadas, bem como informações complementares são coletadas para dar ao pesquisador a noção da extensão do problema; (2) nível narrativo onde se realiza a coleta de narrativas sobre casos que expressam a interpretação que os informantes têm sobre os signos, significados e práticas do problema pesquisado e (3) nível interpretativo: trabalho cooperativo visando desenvolver uma “hermenêutica propriamente antropológica” dos discursos.

Essa dissertação teve como cenários de estudo dois locais de Salvador que concentram grande número de vendedores ambulantes, mas que apresentam distinções importantes em relação às suas configurações físicas e dinâmicas socioculturais: uma área no centro da cidade e uma praia situada num bairro turístico de Salvador.

O centro da cidade é uma área caracterizada por um intenso comércio e apresenta um grande número de estabelecimentos comerciais com dois shoppings, bancos, edifícios, acarretando uma grande circulação de pedestres, especialmente na rua escolhida como campo de trabalho que, além de ser uma área destinada ao comércio ambulante, é também uma via de acesso a uma das maiores estações de ônibus de Salvador, sendo um local freqüentado por muitos moradores da própria cidade. O espaço destinado ao comércio ambulante é dividido entre os vendedores fixos, que possuem as bancas, e

aqueles ambulantes propriamente ditos, que não tem um ponto certo. Os ambulantes “móveis” circulam não só pelo local, mas também pelas imediações da região, de acordo com o movimento do comércio.

A praia, aqui chamada de Paraíso¹ é uma pequena enseada localizada na cidade alta banhada pelas águas da Baía de Todos os Santos e emoldurada pela presença de dois fortes, exemplares da arquitetura colonial brasileira, datados do século XVII. É uma das praias mais concorridas da capital baiana, graças à tranquilidade e segurança das águas, e a facilidade de acesso. Sua beleza natural e suas águas calmas, cristalinas e transparentes oferecem uma das melhores opções para o banho de mar, mergulho, natação e pesca, sendo frequentada não só por moradores locais, mas também por muitos turistas. Na praia, apenas aqueles trabalhadores que vendem bebidas e alugam cadeiras e sombreros possuem ponto fixo, enquanto que os demais vendedores comercializam seus produtos livremente por toda a areia.

A diversidade apresentada por esses dois contextos tanto em relação às suas estruturas geográficas - rua e praia, quanto às suas dinâmicas sociais, constitui-se na principal razão para a escolha desses locais como cenários de estudo, pois essas diferenças podem implicar em processos e condições de trabalho diferentes e repercutir de maneira distinta sobre as experiências vivenciadas no trabalho relativas à saúde dos vendedores ambulantes que atuam na rua e aqueles que trabalham na praia.

¹ Nome fictício

Após os universos de estudo terem sido definidos, a entrada em campo ocorreu a partir de visitas exploratórias, realizadas entre os meses de março e abril, nas quais os primeiros contatos foram mantidos e uma caracterização preliminar do espaço e das relações entre os atores sociais pôde ser registrada no diário de campo, além de possibilitar que minha presença se tornasse familiar para os trabalhadores. Para isso, utilizou-se um roteiro de observação abordando aspectos como a distribuição dos vendedores no espaço, regras de convivência, descrição dos processos de trabalho, definição de itinerários e produtos comercializados. Essas observações acompanhadas das conversas prévias permitiram a produção das primeiras informações sobre o campo de pesquisa.

Nos primeiros contatos, era comum um sentimento de desconfiança entre os trabalhadores em relação a mim por não me conhecerem e não saberem quais eram os meus objetivos ali. Eles me olhavam com certa estranheza, mas, com o passar dos dias, minha presença já foi se tornando familiar para eles e as conversas preliminares foram se desenrolando. Nelas, eu pude me apresentar e os trabalhadores passaram a me ver como a estudante da Universidade que estava interessada em conhecer mais sobre o trabalho dos vendedores ambulantes. Eu realizava minhas observações iniciais da balastrada de onde tinha uma visão panorâmica da praia e podia observar um pouco da rotina e da dinâmica das relações estabelecidas entre os diversos atores sociais. Foi através da abordagem de um dos vendedores, que me ofereceu um de seus colares, que iniciei uma conversa de maneira bem informal. Em seguida, apresentei-me a ele e expliquei qual era a minha proposta ali naquele local. Ele se mostrou bastante simpático e receptivo e, então, passamos a conversar com mais

frequência com o transcorrer dos dias. Ele era uma pessoa bem conhecida e, então, fui me aproximando de outros vendedores, apresentados por ele. A partir desse momento, me senti mais a vontade para integrar aquele contexto e desenvolver a pesquisa.

Enquanto a minha entrada na praia ocorreu de forma bem amistosa e agradável, no centro da cidade, a receptividade não foi muito boa e encontrei grande resistência. Minha aproximação ocorreu a partir do contato com um dos vendedores ao demonstrar interesse em seus produtos. Começamos a conversar informalmente sobre assuntos relacionados ao seu trabalho e, então, eu me apresentei a ele e perguntei se ele poderia participar do estudo. Ele concordou e, assim, pude agendar a entrevista para um outro encontro. Apesar de ser um dos vendedores mais antigos do local e explicar aos colegas o meu papel ali, eles se recusaram a gravar as entrevistas, entretanto, participaram de conversas informais sobre o cotidiano de trabalho. Mesmo sem conseguir fazer as entrevistas formais, continuei visitando aquele contexto de trabalho a fim de prosseguir nas minhas observações.

As visitas aconteciam, em média, três vezes por semana, incluindo sábado e domingo, e os horários variavam entre a manhã e a tarde, chegando, muitas vezes, a incluir os dois turnos. Elas foram marcadas por conversas informais onde as pessoas comentavam livremente sobre o cotidiano de trabalho. Esses primeiros contatos serviram para o estabelecimento dos vínculos com os trabalhadores, fundamentais para a execução da pesquisa.

Em um segundo momento, entre os meses de maio a outubro, onde o vínculo com alguns trabalhadores e uma relação de confiança já estavam estabelecidos, as

entrevistas em profundidade foram realizadas com os informantes, sendo que cada trabalhador contatado apresentava outro e, assim, sucessivamente. O trabalho de campo durou cinco meses. O acesso aos informantes foi prejudicado durante o período de chuvas que atingiu a cidade, fazendo com que os vendedores ambulantes de praia não aparecessem no local. Além disso, muitas entrevistas agendadas tiveram que ser adiadas devido à ausência ou pedido do trabalhador, atrasando o fim das atividades no campo.

Apesar das visitas iniciais, das observações do local e das diversas conversas informais realizadas com os trabalhadores do centro da cidade, as entrevistas em profundidade não puderam ser feitas diante da recusa desses trabalhadores, mesmo informados sobre os objetivos da pesquisa e conscientizados da importância de seus depoimentos. Como a Prefeitura concede uma licença para eles ocuparem o espaço com a banca e, assim, exercerem sua atividade, o atraso no pagamento ou, até mesmo, a ausência dessa licença podem justificar a recusa dos trabalhadores em conceder as entrevistas pelo medo da fiscalização e pela desconfiança com relação ao meu papel naquele contexto, apesar de todas as minhas explicações sobre quem eu era e meus interesses naquele local. Nas conversas informais, muitos deles ainda não tinham renovado a licença ou o pagamento estava atrasado. Apenas um trabalhador concordou em participar do estudo e sua entrevista foi realizada na própria banca, antes do início de suas atividades.

Os sujeitos entrevistados foram informados sobre os objetivos do estudo, sobre a importância das contribuições individuais para o sucesso da pesquisa e sobre a

garantia do anonimato e confidencialidade das informações. Eles também foram esclarecidos sobre a possibilidade de interromper a realização das entrevistas a qualquer momento, respeitando assim os princípios éticos da pesquisa científica (Anexo 2).

O projeto de pesquisa que deu origem a esta dissertação foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Saúde Coletiva para avaliação, tendo sido aprovado em maio. (Protocolo N° 020-06/CEP-ISC, 02/05/2006).

As entrevistas foram realizadas no próprio local de trabalho antes do informante começar as suas atividades, ou durante o período de descanso dos trabalhadores. Os próprios entrevistados definiam o melhor horário para o início das “conversas”, que eram gravadas em fitas cassete, digitadas em meio eletrônico e, posteriormente, categorizadas por temas. Na praia, existia um pequeno estacionamento com alguns bancos, que ficam sob amendoeiras, servindo de local para as entrevistas, garantindo mais comodidade para a sua realização. Apesar de ser um local público, era possível obter certo grau de privacidade, embora as pessoas circulassem pelo local, mas sem perturbar o andamento das entrevistas. Como os entrevistados trabalham há algum tempo na praia, são pessoas conhecidas e isso fazia com que olhares curiosos fossem lançados em nossa direção como forma de tentar saber o que estava acontecendo ali.

Devido à grande diversidade de produtos comercializados, foram entrevistados trabalhadores que vendem mercadorias distintas na tentativa de contemplar essa variedade. Esses trabalhadores podem ser classificados em três grandes grupos:

aqueles que trabalham com alimentos, os que vendem produtos industrializados e, por fim, os ambulantes que fazem seu próprio artesanato para a venda.

Para a etapa de produção de dados, foi desenvolvido um roteiro de entrevista (Anexo 1) elaborado a partir do agrupamento de temáticas relevantes a serem abordadas nas entrevistas em profundidade com o intuito de atender aos objetivos da pesquisa. Dessa forma, o roteiro de entrevista apresentava quatro módulos com a seguinte estrutura:

1. Módulo 1 - se referia aos dados sócio-demográficos;
2. Módulo 2 - correspondia à descrição e valores associados ao trabalho;
3. Módulo 3 - compreendia a percepção das condições de trabalho e dos riscos de acidente/adoecimento;
4. Módulo 4 - participação dos trabalhadores em organizações da categoria profissional.

As entrevistas normalmente eram realizadas em um encontro, sendo que, em alguns casos, elas foram divididas em dois momentos. No total, são 09 (nove) entrevistas, sendo um vendedor ambulante do centro da cidade e oito vendedores que atuam na praia.

As entrevistas foram transcritas à medida que foram sendo realizadas. Posteriormente, elas foram organizadas num banco de dados elaborado a partir do agrupamento e conversão das questões do roteiro em categorias analíticas. Procedeu-se, então, a seleção dos fragmentos das narrativas e sua classificação de acordo com o tema. A

etapa seguinte correspondeu à leitura e análise das entrevistas organizadas por categorias.

O processo de análise de dados etnográficos, por sua ênfase na semântica e sintaxe dos discursos, não conta com um modelo já formalizado, exigindo uma considerável habilidade de interpretação. Com base no aporte teórico de Geertz em sua proposta para o desenvolvimento de uma antropologia interpretativa a partir de uma “hermenêutica cultural”, a análise de dados foi conduzida.

O processamento dos dados seguiu três momentos: no primeiro momento, chamado de técnico-operacional, as entrevistas foram lidas e classificadas de acordo com as categorias analíticas. O momento seguinte, o descritivo, compreendeu uma descrição detalhada dos resultados encontrados, e na etapa denominada de compreensiva-explicativa, buscou-se interpretar os resultados, dando início ao processo de composição textual dos fenômenos analisados (MINAYO, 1992).

As características principais da proposta de Geertz nortearam essa fase do trabalho: o resgate das experiências vivenciadas, bem como de suas práticas e seus significados; o esforço para captar a intersubjetividade - valores, percepções, atitudes e sentimentos; e a preocupação em assumir o sentido e o significado como elementos centrais na compreensão da experiência profissional desses trabalhadores.

CAPÍTULO 5 - O TRABALHO DO VENDEDOR AMBULANTE

Esse capítulo apresenta uma descrição dos contextos do estudo, assim como uma breve caracterização de cada um dos informantes. Posteriormente, são expostos os resultados sobre a descrição e análise do processo de trabalho dos vendedores ambulantes, destacando o conteúdo das atividades e os instrumentos utilizados, bem como as condições de trabalho.

Descrevendo os Contextos do Estudo

A área do Centro de Salvador

O centro da cidade de Salvador é uma região que apresenta uma intensa circulação de ônibus, carros e pedestres, portanto, um local de grande movimento, principalmente, por ser uma área primordialmente voltada para o comércio. Nela, podem-se encontrar diversos estabelecimentos comerciais como shoppings, bancos, edifícios e lojas, que vendem os mais variados produtos que vão desde calçados, roupas, cosméticos, até eletrodomésticos. Esses estabelecimentos dividem espaço com os vendedores ambulantes que atuam não só nos locais destinados ao comércio ambulante, mas também fora dos limites determinados oficialmente. Na tentativa de ordenar o espaço público, foram estabelecidas áreas que concentram esses trabalhadores. Diversos desses pontos localizam-se nas imediações do centro da cidade. O local escolhido como campo de trabalho é uma das áreas destinadas ao comércio ambulante, mas também é uma via de acesso a uma das maiores estações de ônibus de Salvador.

Assim, a circulação de pessoas nessa rua é bastante intensa. Além dos próprios trabalhadores que, em sua maioria, são do sexo masculino, circulam pelo local diversos atores sociais como estudantes, universitários, já que existe um campus próximo ao local, jovens e adultos de ambos os sexos. Essas pessoas tornam-se possíveis clientes para os ambulantes cuja clientela é composta, basicamente, por indivíduos do sexo feminino. Há uma variedade de produtos comercializados, que vão desde material escolar até ervas medicinais, passando por produtos eletrônicos, utensílios domésticos, acessórios diversos (bijuterias, bolsas, cintos, bonés, óculos escuros), roupas, DVDs, etc.).

Vale destacar que é permitida apenas a ocupação de uma banca por vendedor e cada trabalhador possui um cadastro na Prefeitura que o identifica, bem como o local da banca. Para que o trabalhador tenha direito de ocupar o espaço deve pagar a licença e, assim, exercer sua atividade legalmente. Entretanto, na época do trabalho de campo, muitos deles estavam com a licença vencida ou com parte do pagamento em atraso. Apesar desse problema, não acompanhei nenhum tipo de repressão envolvendo os fiscais da Prefeitura e os vendedores ambulantes. Na rua que serviu como cenário de estudo, existem cerca de 107 bancas cujos “proprietários” são os próprios vendedores que estavam trabalhando no local. Além desses vendedores que possuem ponto fixo, existem aqueles ambulantes propriamente ditos, que não possuem um ponto certo. Esses ambulantes “móveis”, além de circularem pelas imediações da região, costumam dividir o espaço da rua com os outros vendedores. Aparentemente, eles mantêm uma relação amistosa entre si, não tendo sido observados casos de discussões, agressões verbais ou físicas entre eles.

A falta de infraestrutura é um dos problemas enfrentados por aqueles que frequentam o local, principalmente pelos trabalhadores que, diariamente, estão nesse cenário. Apesar da grande circulação de pessoas, faltam banheiros públicos na região, obrigando-as a se deslocarem até um dos shoppings para atender às suas necessidades fisiológicas. Nesse momento, o trabalhador conta com a solidariedade de seus colegas, que ficam olhando a banca enquanto ele está ausente. As condições de higiene também se constituem num problema do local, sendo encontrados resíduos de lixo, urina e fezes de animais. Muitas vezes, o próprio trabalhador limpa o local onde a banca se localiza, antes de arrumá-la, realizando o serviço que deveria ser executado por trabalhadores específicos, responsáveis pela limpeza urbana. Além do mau cheiro presente no ambiente, os ambulantes convivem com ruídos intensos, poeiras, bactérias, variações de temperatura, especialmente durante o período de chuva, sem que haja um local adequado que possa servir de abrigo. Embora tentem se abrigar em suas bancas, que são cobertas por lonas, muitas vezes, esse abrigo não é suficiente para protegê-los da chuva. Esse é, portanto, um dos cenários escolhidos como campo de estudo.

A Praia

Paraíso é uma praia situada num dos bairros turísticos da cidade de Salvador e se encontra a cinco quilômetros do centro. Esta praia possui uma extensão de areia de, aproximadamente, seiscentos metros e é a única praia da cidade alta banhada pelas águas da Baía de Todos os Santos. No limite do passeio, existe uma murada de onde se tem não só uma visão panorâmica de toda a praia, mas também uma excelente vista da Ilha de Itaparica. Suas ondas calmas e mar de temperatura agradável, além de sua

beleza natural, fazem de Paraíso uma praia bastante frequentada por moradores locais e, especialmente, por muitos turistas.

No início da manhã, é comum encontrar diversas pessoas fazendo exercícios físicos, principalmente idosos e adultos caminhando na areia ou no calçadão da praia. Nesse horário, a temperatura está agradável e as crianças, acompanhadas de seus pais ou de babás, juntam-se a eles. Com o passar das horas, o perfil dos freqüentadores começa a mudar: as crianças e os idosos se retiram, e os jovens, juntamente com os turistas começam a chegar. Muitos desses turistas ficam hospedados em hotéis localizados bem próximos dali e, em sua maioria, só descem para a praia mais tarde. Por ser uma área frequentada por bastante turistas, a prostituição é uma de suas particularidades. Profissionais do sexo circulam pela praia na tentativa de conseguir cliente, chegando a haver disputas entre elas.

Durante os dias da semana, o público da praia é formado basicamente por moradores da própria região, áreas vizinhas e por turistas. Entretanto, aos sábados e domingos, esse público varia e o movimento da praia aumenta consideravelmente com a chegada de pessoas de diversos pontos da cidade, especialmente de camadas mais populares. Pode-se observar uma separação na distribuição dos banhistas pela areia: uma das extremidades é ocupada por jovens e turistas, que também ocupam a área central, juntamente com os adultos. A outra extremidade da praia é frequentada por moradores de bairros mais populares. Entretanto, nos fins de semana, principalmente aos domingos, essa distribuição não aparece de forma tão clara devido a grande quantidade de pessoas que ocupam aquela pequena extensão de areia.

Algumas atividades de lazer são realizadas pelos banhistas como rodas de futebol, vôlei e partidas de peteca. Nesses jogos, além dos banhistas, alguns vendedores também participam das brincadeiras por já trabalharem no local há algum tempo e serem conhecidos dos freqüentadores da praia.

É interessante destacar que Paraíso não dispõe de barracas de praia tradicionais. Sendo assim, existem trabalhadores que possuem um espaço reservado para que eles possam colocar seu isopor e vender suas bebidas aos banhistas. Como esses vendedores possuem um ponto específico, é necessário ter a licença da Prefeitura para montar o seu comércio na areia da praia, semelhante ao que acontece com o vendedor ambulante do centro da cidade. Caso contrário, o vendedor pode ter suas mercadorias apreendidas por fiscais da Prefeitura, conhecidos como “Rapa”, que as tomam do vendedor e as levam para um galpão. Para recuperar suas mercadorias, o vendedor deve pagar uma taxa e, então, retomá-las. Indagados se já tinham sido vítimas da atuação do “Rapa” ou se conheciam algum colega que tinha sofrido essa repressão, eles relataram que, atualmente, não estão sofrendo esse tipo de intervenção, mas que, em governos anteriores, esse problema frequentemente ocorria com eles. Nesses casos, eles tentavam escapar dos fiscais levando as mercadorias, mas muitas vezes, elas eram apreendidas.

Esses trabalhadores dividem o espaço da praia com outros vendedores ambulantes que circulam pela areia oferecendo suas mercadorias para os banhistas. Para esse grupo, a fiscalização só acontece caso eles deixem de vender seus produtos na praia e passem a ocupar o passeio, expondo-os para a venda, segundo relato daqueles que

não possuem um ponto fixo. Durante o período que permaneci no local, não presenciei nenhum tipo de fiscalização envolvendo os trabalhadores.

De maneira geral, os vendedores ambulantes mantêm um clima de amizade, apesar da ocorrência de alguns desentendimentos como discussões, brigas e, até mesmo, ameaças, havendo a necessidade de chamar os policiais para contornar as desavenças. Próximo da praia, existe um módulo a fim de garantir maior segurança para o local. Entretanto, não só os banhistas, mas também alguns trabalhadores já foram vítimas de roubo na praia. Além de dinheiro, muitos deles já tiveram suas mercadorias roubadas.

No verão, antes das oito horas, é possível encontrar muitos vendedores fazendo o lanche na murada, conversando, brincando uns com os outros enquanto aguardam a hora de descerem para a areia. Normalmente, aqueles que trabalham vendendo bebidas costumam chegar mais cedo e são os primeiros a iniciar suas atividades, pois eles precisam colocar as bebidas para gelar e, além disso, montar as cadeiras de sol e os sombreros para que possa alugá-los para os banhistas. Esses materiais ficam guardados no depósito. Os demais ambulantes chegam mais tarde, por volta das nove horas e já trazem a mercadoria de casa. Quando chegam, já encontram um número maior de banhistas, aumentando a chance de venda dos produtos. Existem aqueles trabalhadores que, diariamente estão na praia e para os quais o trabalho como ambulante constitui-se como principal fonte de renda, entretanto, durante os fins de semana, há o aumento do número de vendedores. Entretanto, aqueles que trabalham com ponto fixo, que são os vendedores de bebidas, mantêm-se praticamente

constantes, variando o número de ambulantes que trabalham com outros tipos de mercadorias, circulando pela praia.

Além de lancharem na praia, os vendedores costumam almoçar em restaurantes localizados perto dali. No caso dos trabalhadores com ponto fixo, um funcionário do restaurante leva o almoço até eles. Esses restaurantes servem ainda como ponto de apoio para muitos deles, pois como só existem dois sanitários públicos e, assim mesmo, distantes da praia, os ambulantes costumam usá-los para suas necessidades fisiológicas. Muitas vezes, os vendedores que trabalham com bebidas, aluguel de cadeiras e sombreros têm que pedir permissão nesses restaurantes para que os banhistas que estão em suas “barracas” possam usá-los. Além disso, esses restaurantes costumam fornecer tira-gostos para esses vendedores, que, por sua vez, repassam para os banhistas.

Geralmente, os vendedores ambulantes preferem permanecer a maior parte do tempo no Paraíso e, assim, tornar-se conhecido entre os banhistas, garantindo a clientela ao invés de circular por praias mais distantes. Para eles, é melhor tentar estabelecer vínculos com o local e, principalmente com as pessoas dali. Entretanto, quando o movimento diminui, alguns deles se deslocam para uma praia que também é um dos pontos turísticos da cidade e é bem próxima ao Paraíso.

Para evitar que haja muita concorrência entre eles, principalmente entre aqueles que vendem os mesmos produtos, os vendedores tentam se espalhar pela areia, evitando caminhar próximo um do outro. Às vezes, pode acontecer um certo atrito caso essa

regra não seja respeitada na disputa pelo cliente. Enquanto alguns caminham, outros estão descansando, havendo uma espécie de rodízio entre eles. Nesse momento, muitos ambulantes ficam na balaustrada com suas mercadorias, juntamente com outros trabalhadores até o momento de retornarem para a areia.

É grande a diversidade de mercadorias vendidas na praia, podendo ser classificadas em três grandes grupos já citados no capítulo referente à metodologia: o de alimentos - queijo coalho, sanduíche natural, acarajé, frutas como caju, goiaba, caqui, salada de frutas, camarão, salgados, castanha, amendoim, picolé, sorvete; os produtos industrializados - bronzeador, protetor solar, amoníaco, bóias infláveis, redes, cangas, vestidos, chapéus e, por fim, o grupo de artesanatos, que engloba, principalmente, as bijuterias. Aparentemente, não existe uma distinção entre o tipo de mercadoria vendida e o sexo, ou seja, tanto homens quanto mulheres podem vender o mesmo tipo de produto, embora, em alguns casos, haja uma predominância de um dos sexos como entre os vendedores de queijo, atividade predominantemente masculina. Já as mulheres trabalham mais vendendo roupas: vestidos, batas, cangas, ou alimentos como salgados, sanduíche natural etc.

A venda fiada de mercadorias não é uma prática comum entre os ambulantes. Algumas vezes, entretanto, o vendedor está sem troco e para não deixar de vender, ele entra em acordo e o valor da mercadoria é incluído na conta do cliente caso ele esteja na “barraca” e, então, o dinheiro é repassado para o vendedor. Embora seja uma praia frequentada por muitos turistas, os vendedores referem manter o mesmo valor independente do cliente. Para eles, é mais vantajoso manter o preço e conquistá-lo do

que vender caro e uma única vez. Existem alguns clientes que são conhecidos como “perrequeiros” por terem o hábito de sempre pechinchar, querendo desconto na mercadoria.

Durante o inverno, alguns desses trabalhadores deixam a praia e vão trabalhar em outras atividades como ajudante de pedreiro, pintor, segurança, outros, porém ficam aguardando a chuva melhorar e, muitas vezes, preferem arriscar mesmo com o tempo nublado, e vão para a praia na esperança de que o tempo melhore e as pessoas retornem para a praia, pois, como diz Antônio (39 anos): “a gente nunca desanima. Pode tá caindo... dando trovoada, mas a gente tem confiança que a gente vai conseguir”.

A falta de infraestrutura do local é um das dificuldades enfrentadas por todos os freqüentadores da praia, principalmente os trabalhadores que reclamam da falta de banheiros e de chuveiros. Ademais, as condições de higiene também se constituem num problema do local, sendo encontrados resíduos de lixo, restos de alimentos, urina e fezes de animais. À noite, podem-se ver ratos andando pela areia da praia. O calor excessivo, acompanhado do esforço físico intenso, do transporte manual de peso em alguns casos, da postura imposta pela atividade dificultam ainda mais o trabalho dos vendedores.

É possível encontrar famílias trabalhando na praia: marido e mulher, irmãos, tios, sobrinhos, mãe e filhos. Eles vêem a praia como um meio de garantir a subsistência da família. Muitas vezes, o convite para trabalhar na praia parte de um dos parentes que já realiza essa atividade há algum tempo e termina levando seus familiares para lá. Como

mães, algumas vendedoras levam seus filhos para seu local de trabalho os quais trabalham como seus ajudantes. Todavia, a quantidade de crianças observada é bem reduzida. Esse fato corrobora com o estudo de Hernandez *et al* (1996) que revela que como mães de crianças jovens, as vendedoras ambulantes podem levar seus filhos para seu local de trabalho, dependendo da idade e das condições de trabalho.

É esse contexto, marcado pela pluralidade de elementos, que serviu como cenário principal para o andamento do estudo.

O Perfil dos Vendedores Ambulantes Entrevistados

Antônio² - homem de cor branca, tem 39 anos, é solteiro e pai de quatro filhos. Estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Trabalha como vendedor ambulante há vinte e oito anos, apesar de já ter trabalhado em outras atividades antes como porteiro, pedreiro, cobrador. Quase toda a família sempre trabalhou na praia, inclusive sua mãe, que praticamente criou os filhos ali. Ele vende produtos para a pele como bronzeador, protetor solar, água oxigenada, etc. e tem uma renda mensal de, aproximadamente, R\$ 750,00.

Nilton - homem de cor morena, tem 32 anos, é casado, pai de três filhos e possui o ensino fundamental completo. Trabalha há onze anos como vendedor ambulante, após ter sido chamado por seu sobrinho para trabalhar na praia. Já exerceu outras atividades como rodoviário e comerciante na época em que seu pai tinha um comércio na feira de

² Todos os nomes utilizados são fictícios.

São Joaquim. Atualmente, vende queijo coalho, entretanto, sua primeira mercadoria foi o bronzeador, mas trocou de produto porque *“queijo vende tanto chovendo ou fazendo sol; teve gente na praia, vende.”* Sua renda varia muito, dificultando a informação sobre o valor, mesmo de maneira aproximada. Têm dias que ganha R\$ 80,00, R\$ 100,00, mas têm outros que ganha R\$ 20,00, R\$ 30,00, porém *“é um dinheiro que você não vê (...) o que você ganha hoje, agora mesmo você gasta (...). Tem uma coisa pra comprar, pra pagar.”*

Adriano - homem de cor negra, tem 24 anos, é solteiro, com um filho. Coursou até a 4ª série do ensino fundamental. Trabalha como vendedor ambulante há dez anos, vendendo artesanato na praia. Ele começou a trabalhar com o tio, que ensinou o artesanato a ele. No inverno, trabalha como segurança e ajudante de pedreiro, mas sua principal atividade é como vendedor de bijuterias na praia onde chega a ganhar, em média, R\$ 450,00 ao mês.

Paulo - homem de cor negra, tem 30 anos, é solteiro e tem três filhos. Possui o ensino médio completo. Trabalhava como balconista de loja antes de se tornar vendedor de praia, atividade que já dura dez anos. Para completar a renda, passou a freqüentar a praia aos domingos até que resolveu trabalhar, exclusivamente, como ambulante, vendendo produtos como bronzeador, protetor solar, etc. Mensalmente, diz ter uma renda de R\$ 600,00 a R\$ 700,00.

Valmir - homem de cor negra, tem 47 anos, é casado e pai de três filhos. Coursou todo o ensino fundamental. Há dezessete anos trabalha como ambulante, vendendo bebidas.

Anteriormente, era ajudante de serviços gerais. Nessa época, já trabalhava na praia nos finais de semana até sair do emprego e se consolidar na praia.

Edna - mulher de cor morena, tem 55 anos, é casada e mãe de quatro filhos. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental. Apesar de morar no interior, sempre vem para Salvador a fim de trabalhar e só retorna para lá para descansar um pouco. Já trabalhou como costureira, cabeleireira e trabalhadora rural. Há três anos, ela achou que *“vender canga na praia dava pra ganhar dinheiro, então, eu caí nessa.”* Por dia, ela pode chegar a ganhar até R\$ 200,00, mas, às vezes, não vende nada. Por isso, refere não saber seu rendimento mensal.

Alberto - homem de cor negra, tem 38 anos, é solteiro e tem uma filha. Estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Ele trabalha na praia há oito anos, vendendo colares, mas seu trabalho anterior era de padeiro. *“A situação que a gente vive, do jeito que tá, salário, não dá pra eu viver! Então, sou obrigado a vender meus colar!”* No momento, sua renda mensal é de R\$ 800,00.

Denilson - homem de cor morena, tem 35 anos, uma relação consensual e é pai de três filhos. Cursou até a 2ª série do ensino fundamental. Há sete anos trabalha vendendo queijo na praia, mas já vende esse produto há mais de dezesseis anos em outros locais da cidade. Já trabalhou em muitas atividades tais como: vendedor de picolé, de lanche, pipoca, mas para ele, vender queijo ainda é o trabalho que lhe dá mais lucro, ganhando cerca de, aproximadamente, R\$ 600,00.

Altair - homem de cor morena, tem 41 anos, é casado e possui três filhos. Estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Já trabalhou como ajudante de serralheiro, mas, com dezesseis anos, começou a vender artesanato e hoje possui uma banca no centro da cidade. Trabalha, portanto, há vinte e cinco anos no local e sua renda pode chegar até a R\$ 1.200,00 por mês. Foi o único trabalhador do centro da cidade que aceitou gravar entrevista.

Essa caracterização dos trabalhadores corrobora com os resultados de diversos estudos sobre as pessoas que se vêm incluídas no setor informal: geralmente, elas possuem baixa escolaridade e pouca qualificação profissional (FAGUNDES, 1994; BARROS e MENDONÇA, 1996). Observa-se ainda que os trabalhadores entrevistados possuem, em média, 37 anos, já estão há algum tempo nessa ocupação, aproximadamente 13 anos, e os motivos apresentados são o desemprego e a baixa escolaridade. Essa atividade, portanto, não aparece como uma opção para muitos deles, tornando-se uma alternativa ao desemprego, além de ser a sua principal fonte de renda cujo valor é bastante variado, dificultando, portanto, o seu cálculo.

Características do Trabalho

As atividades desenvolvidas pelos vendedores ambulantes variam de acordo com o local de trabalho e com o tipo de produto comercializado. A caracterização dessas atividades deve, portanto, respeitar essa distinção e será apresentada a seguir:

- **O trabalho no centro da cidade:** nas minhas primeiras visitas, eu chegava no campo cedo, antes dos trabalhadores iniciarem suas atividades e ficava observando toda a movimentação do local. Esse era um momento em que eu acompanhava todo o trabalho dos vendedores. Geralmente, eles chegam por volta das oito horas, cumprimentam os demais colegas que já se encontram no local e se preparam para dar início à montagem das bancas com as mercadorias que serão expostas para a venda. As estruturas de ferro das bancas permanecem montadas durante toda a semana e só são retiradas no sábado, quando o trabalho se encerra. Na segunda-feira, elas são novamente recolocadas no lugar já definido previamente pela Prefeitura, dispostas uma ao lado da outra, formando um corredor por onde os pedestres transitam. Por isso que, ao chegar, era comum eu encontrar as bancas armadas, embora elas ainda estivessem vazias.

Existem pessoas que são responsáveis pela montagem e desmontagem das bancas, que ficam guardadas no depósito localizado próximo à região, servindo de base de apoio para os vendedores ambulantes. Essas pessoas são conhecidas como carregadores e, além desse serviço, transportam também as mercadorias dos vendedores até às suas respectivas bancas. Por isso, é comum o trabalhador chegar e encontrar as caixas que contém suas mercadorias em sua banca, entretanto, algumas vezes, há um atraso na entrega e, nesse caso, os vendedores pressionam os carregadores para eles andarem mais depressa.

Depois que as mercadorias são entregues, os ambulantes começam a arrumá-las em suas bancas. Enquanto as arrumam, eles estão conversando com os colegas sobre assuntos relacionados ao trabalho, fatos do seu dia-a-dia ou que foram noticiados pelos meios de comunicação. Pode acontecer ainda de algum cliente se aproximar da banca, mesmo sem ela estar completamente pronta. Quando isso acontece, o vendedor interrompe o que está fazendo para atendê-lo e depois, prossegue com a arrumação.

Após finalizar a arrumação das bancas, os vendedores ficam aguardando os clientes chegarem e, durante esse tempo, eles utilizam diversas estratégias na tentativa de atraí-los para suas bancas como convites, palmas e gritos de ofertas de produtos em promoção. O barulho dos ônibus e dos carros, juntamente com o som que vem das lojas e das próprias bancas, deixa o ambiente bastante barulhento. Caso haja necessidade de se ausentar por algum motivo, o vendedor pede para seu colega olhar a banca e atender os clientes que chegam. Isso ocorre, principalmente, quando ele precisa ir ao banheiro e durante o almoço. Alguns trabalhadores fazem sua refeição em restaurantes próximos ao local, mas também, é comum encontrar aqueles que levam o seu almoço para o trabalho e fazem a refeição na própria banca.

À medida que as horas passam, o movimento no local vai aumentando, atingindo o ápice no turno da tarde. Quando as vendas começam a cair, os ambulantes iniciam a desmontagem das bancas, guardando as mercadorias nas caixas, que

serão recolhidas pelos carregadores e levadas até o depósito. O trabalho se encerra por volta das dezenove horas.

- **O trabalho na praia:** além das observações, as conversas realizadas com os trabalhadores permitiram uma melhor descrição das atividades desempenhadas por eles. Para poder conhecer o trabalho dos vendedores ambulantes de praia, eu chegava cedo, muitas vezes, antes das oito horas e me dirigia à murada que permitia que eu tivesse uma visão panorâmica de toda a praia. Nesse horário, a praia ainda está pouco movimentada e é comum encontrar muitos vendedores lanchando e se preparando para iniciar seu trabalho. Enquanto fazem o lanche, eles conversam e brincam uns com os outros. Geralmente, os vendedores que trabalham com bebidas e aluguel de cadeiras e sombreiros são os primeiros a iniciar suas atividades. Como não existem barracas de praia no local, esses vendedores possuem isopores, que, diariamente, são levados e retirados da praia. Assim como acontece com os vendedores ambulantes do centro da cidade, todo o material fica guardado no depósito localizado próximo à praia o qual é alugado pelo trabalhador. Para iniciar seu trabalho, portanto, o dono da “barraca” vai até o depósito, carrega o isopor, as cadeiras e os sombreiros, leva-os para a praia e começa a armá-los no local reservado para ele. Às vezes, esse trabalhador possui um ajudante, que fica encarregado de transportar essas mercadorias. Entretanto, esse ajudante não é um “funcionário” fixo e, geralmente, seu pagamento é feito no final do dia e o valor é combinado entre eles. De posse das mercadorias, o dono da “barraca”, então, arruma as bebidas no isopor enquanto aguarda a barra de

gelo, que é entregue por uma pessoa responsável pelo seu fornecimento. Durante esse tempo, eles observam a chegada dos banhistas para abordá-los e lhes oferecer uma cadeira ou um sombrero como forma de garantir o cliente. Daí a necessidade de se ter tudo em mãos logo cedo, pois podem perdê-lo para outro colega caso ainda não esteja com esses objetos. Depois de tudo pronto, o vendedor tenta atrair outros banhistas para sua “barraca”, tentando convencê-lo a parar ali, oferecendo cadeira e sombrero, além de atender aqueles que já se encontram. Enquanto houver cliente na “barraca” e banhistas na praia, os vendedores permanecem no local. Em função disso, o horário de saída desses trabalhadores é bastante variado. No final do dia, eles ou o ajudante recolhem todo o material e o carregam novamente para o depósito.

Já os demais vendedores chegam mais tarde, em horários variados, principalmente aqueles que trabalham com lanches como sanduíches, queijos, salgados, etc. Eles trazem suas mercadorias de casa e quando chegam, já encontram um maior número de banhistas. Eles cumprimentam os colegas e começam a arrumar seus produtos para a venda. A descrição das atividades varia de acordo com o tipo de mercadoria e será explorada durante a próxima seção sobre processo de trabalho.

Os Processos de Trabalho dos Vendedores Ambulantes

O processo de trabalho pode ser definido como “o processo de transformação de um objeto determinado em um produto determinado por meio de atividade humana, com o

uso dos meios de trabalho” (RANGEL-S e PENA, 2004). Desta forma, ele combina atividade humana, através da força de trabalho de que dispõem os indivíduos; objetos de trabalho, que são as matérias-primas sobre as quais o trabalho se realiza; e meios de trabalho, que são os instrumentos, equipamentos e instalações utilizados durante o processo (HARNECKER, 1983).

Segundo Mendes e Dias (2000), o processo de trabalho se constitui num aspecto fundamental na identificação das formas de adoecimento próprias a determinadas categorias ocupacionais. Considerando-se que o processo de trabalho envolve diferentes ciclos e atividades, torna-se imprescindível conhecer e evidenciar como se desenvolve esse processo de trabalho.

Para compreender o processo de trabalho, é preciso conhecer os elementos que o compõe, ou seja, o objeto de trabalho, os instrumentos e o próprio trabalho, para entendê-los de forma global e dinâmica em relação à saúde dos trabalhadores. Deste modo, é necessário analisar suas vertentes técnica e social, identificando também a relação entre os elementos. Conforme observa Laurell e Noriega (1989: 106-107):

É preciso analisar não somente as características físicas, químicas e mecânicas do objeto de trabalho, mas também porque e como chega a sê-lo, isto é, sua vertente social. Da mesma forma, os instrumentos de trabalho ou a tecnologia devem ser compreendidos, de um lado, no que diz respeito a sua conformação técnica e, de outro, como a materialização de uma determinada relação entre capital e trabalho. O trabalho, finalmente, tem que ser entendido como processos corporais, mas também, como uma expressão concreta da relação de exploração através de sua organização e divisão.

Diante da caracterização do trabalho realizado no centro da cidade descrita anteriormente, as etapas do processo de trabalho do vendedor ambulante podem ser assim resumidas: arrumar as mercadorias na banca, criar estratégias para atrair o cliente, esperar o cliente, atendê-lo, retirar as mercadorias das bancas e guardá-las nas caixas.

Na praia, os processos de trabalho apresentam distinções com relação ao tipo de produto comercializado e podem ser descritos da seguinte maneira:

- **vendedor de bebidas:** transportar o isopor, as cadeiras e os sombreros até a praia, arrumar esses materiais, colocar as bebidas para gelar, observar a chegada dos banhistas, abordá-los, oferecendo-lhes cadeira e sombrero, atender os clientes, recolher o material e levá-lo para o depósito.

No verão mesmo, eu chego aqui umas sete horas, sete e meia. (...) Aí, vou pegar as coisas pra trazer pra cá: isopor, cerveja, refrigerante, coco, sombrero, cadeira, principalmente, a cadeira pra poder alugar a cadeira logo cedo, né?! Alugando a cadeira fica mais fácil de conseguir o cliente (Valmir, 47 anos).

- **vendedor de produtos para a pele (bronzeador, protetor, etc.):** chega na praia, monta a guia com os produtos que traz de casa, desce para a areia e começa a andar, oferecendo as mercadorias aos banhistas. À medida que elas são vendidas, o vendedor as repõe e volta a circular

novamente pela areia. No final do dia, desmonta a guia e guarda os produtos.

Eu chego aqui na praia, arrumo minha guia e começo a andar na areia, procurando os clientes pra comprar (Antônio, 39 anos).

Eu chego, pego minha guia, ando na praia oferecendo ao cliente, perguntando se o cliente precisa de um protetor, precisa de um bronzeador (Paulo, 30 anos).

- **vendedor de queijo coalho:** compra a mercadoria antes de se dirigir para a praia, corta o queijo, monta no palito para a venda, coloca numa vasilha, vai para a praia, desce, acende o fogareiro e começa a andar.

Saindo de casa, eu compro minha mercadoria, desço pra praia. Quando eu chego na praia, você encontra os amigos (...) Aí, chego, acendo o fogo, aí faz uma oraçõzinha, chama por Deus e começa a andar (Nilton, 32 anos).

- **vendedor de roupas como batas, cangas etc.:** faz a encomenda das mercadorias, pega as mercadorias no local da encomenda, monta-as nos cabides, nas sacolas e sai andando, oferecendo aos banhistas.

Olha, primeiro eu peço... Vem e chega aqui. Aqui, eu monto nos cabides, na bolsa, no ombro aí, saio andando, oferecendo aos pessoal, aos banhistas (Edna, 55 anos).

- **vendedor de artesanato (bijuterias):** monta a guia com os colares, pulseiras, brincos, desce e circula pela areia em busca dos clientes.

Depois, desarruma e guarda as bijuterias, além de fazer novas mercadorias para vender no dia seguinte.

Primeiramente, eu chego aqui, me concentro com Deus, arrumo minha guia com meus colares, meus produtos e aí, vou em busca de meus fregueses (...) Vou pra casa descansar, produzir meus colares pra, no outro dia, trabalhar (Alberto, 38 anos).

Eu chego nove e meia, dez horas... Aí, monto minha guia aqui na praia. Depois, desarmo, enrolo ela todinha e guardo (Adriano, 24 anos).

É interessante destacar que o processo de trabalho dos vendedores ambulantes, assim como acontece no emprego em serviços domésticos (XAVIER, 2005), não apresenta regras e normas tão bem definidos. Ele se constrói no próprio fazer dos trabalhadores, enquanto outros tipos de trabalho apresentam, de antemão, o que se chama na literatura de “trabalho prescrito”, que corresponde ao conjunto de normas e tradições que regulam certa atividade (BRITO, 1999). Ademais, o produto resultante desse processo ocorre na forma de serviços, como acontece no setor terciário em geral.

Os meios de trabalho são partes, peças fundamentais do processo de trabalho, portanto, ao descrevê-lo, os instrumentos utilizados devem ser explicitados (HARNECKER, 1983). No caso dos vendedores ambulantes, a variedade de instrumentos de trabalho aparece como uma importante característica dessa categoria. Essa diversidade pode ser explicada em função dos diferentes tipos de mercadorias que são comercializadas por esses trabalhadores. Portanto, para cada tipo de produto vendido são utilizados instrumentos específicos para a realização do trabalho.

Meu instrumento que eu uso de trabalho é uma vasilhinha, um fogareiro, queijo, carvão e fogo (Nilton, 32 anos).

Eu trabalho com alicate, com arame, com miçangas, com vários tipos de sementes (Adriano, 24 anos).

Meu instrumento é o quê? É um cano que eu amarro as mercadorias, as cordas e o bronzeador (Paulo, 30 anos).

Um aspecto interessante apontado por um dos trabalhadores refere-se ao corpo enquanto principal instrumento de trabalho.

O corpo é o instrumento principal. Acho que a ferramenta principal pra você trabalhar é o corpo. É você tá bem (de saúde)! (Nilton, 32 anos).

Essa perspectiva remete à ideia de corpo como agente de trabalho, que adquire significado na estrutura histórica da produção. Metaforicamente, o corpo pode ser visto como uma espécie de banca onde o vendedor expõe sua mercadoria, pois ele se desloca todo o tempo carregando os produtos. Não se trata mais de um corpo inútil, mas sim de um corpo como objeto que pode ser manipulado, utilizado, transformado e direcionado para um propósito definido. O corpo, portanto, constitui-se como um objeto com vista a determinados efeitos e voltado para a capacidade para o trabalho.

De acordo com Donnangelo e Pereira (1979), a prática médica está intimamente relacionada com a reprodução das estruturas de classes e processo de acumulação capitalista. Assim, a especificidade das relações da medicina com a estrutura econômica e a estrutura política ideológica das sociedades em que predomina a produção capitalista se expressa na forma pela qual a prática médica participa da reprodução dessas estruturas através da manutenção da força de trabalho.

Não existe consenso em relação à adequação dos instrumentos de trabalho. Para alguns trabalhadores, eles estão adequados, enquanto outros reclamam desses instrumentos, independentemente do tipo de mercadoria.

Eles estão bons... Pra mim, estão adequados... Eu tô satisfeito com isso aqui mesmo (Paulo, 30 anos).

Pra meu trabalho, os instrumentos que eu tenho são adequados (Altair, 41 anos).

Não, não, estão um pouco precário. Tão ficando velhinho. Eu preciso mesmo trocar esses instrumentos! (Valmir, 47 anos).

Para os ambulantes, a adequação dos instrumentos parece estar associada ao seu estado de conservação e à possibilidade de execução do trabalho, sem conotação à segurança ou maior conforto para os trabalhadores.

Em função do peso dos objetos utilizados durante o trabalho, uma vendedora relatou sentir dores na coluna por ter que carregar cabides e sacolas nos quais as mercadorias são expostas, além de pendurá-los nos ombros e caminhar pela areia.

É muito pesado! Têm dias que eu chego em casa com a coluna doendo. Aí, de noite, tá: oi, oi, oi! De dia, perna na rua! (Edna, 55 anos).

Os vendedores ambulantes, normalmente, trabalham todos os dias da semana, excetuando-se o vendedor do centro da cidade, que não trabalha aos domingos. Aqueles que trabalham na praia, às vezes, tiram um dia de folga para descansar, geralmente, nos dias em que o movimento é fraco. Pode ser um dia de chuva ou um dia no meio da semana, quando a praia tem poucos banhistas. No dia de folga, eles

costumam ficar com a família em casa ou, então, vão para outra praia, mas para se divertir. Como a renda desses trabalhadores está atrelada ao fato deles terem que trabalhar para ganhar, pois não têm a garantia do salário como acontece com outros trabalhadores, os dias de folga ou de lazer não são tão frequentes para eles.

Eu não quero que o futuro deles (filhos) seja igual ao meu, que seja melhor do que o meu! Ele tenha o lazer dele aos domingos, feriado, eles saiam, se divirtam e eu não tenho divertimento (Antônio, 39 anos).

Apesar da maior liberdade e flexibilidade que esses trabalhadores possuem comparados com os trabalhadores assalariados, a necessidade de garantir o dinheiro aparece como uma obrigação para eles.

Todos os dias, fez sol, tô na praia. De domingo a domingo, de segunda a segunda. Quando o corpo tá cansado, a gente tira um dia pra descansar senão tiver devendo nada a ninguém... Se der um movimento bom, mesmo que você seja cansado, aí você pára assim... O corpo descansa na hora! (Nilton, 32 anos).

Vale destacar que os vendedores ambulantes não possuem uma jornada de trabalho definida. Ela varia de acordo com o movimento da praia, mas, em média, eles costumam trabalhar mais de oito horas por dia.

Não tem horário fixo não! Geralmente a gente trabalha seis, sete, oito, dez horas de trabalho, entendeu? (Valmir, 47 anos).

Não tem assim um horário fixo... Depende do dia, depende do movimento (Edna, 55 anos).

Ademais, esses trabalhadores costumam se deslocar de ônibus para o trabalho e, muitas vezes, os ônibus estão cheios, além de demora, gerando mais problemas para os ambulantes, especialmente aqueles que transportam sua mercadoria.

(...) Fico muito tempo no ponto de ônibus esperando ônibus. O transporte coletivo é muito péssimo (Valmir, 47 anos).

A gente vai pro ponto de ônibus, passa uma hora esperando o ônibus, aí atrasa mais (Edna, 55 anos).

De maneira semelhante ao que acontece sobre a adequação dos instrumentos, as percepções sobre as condições de trabalho também não apresentam consenso. Enquanto que, para alguns trabalhadores, as condições de trabalho são boas, pois trabalham ao ar livre, num ambiente de amizade, conhecendo pessoas de várias partes do mundo, além da praia ser vista não só como um local de trabalho, mas também de lazer; outros consideram suas condições de trabalho ruins em virtude da falta de estrutura física do espaço, da falta de segurança, da exposição ao sol, gerando descontentamento entre os trabalhadores.

As minhas condições de trabalho são boas. Nós trabalha alegre, brincando, dando risada, nunca se zangando porque a gente não pode se zangar um com o outro (...) Pra mim, é muito bom! (Antônio, 39 anos).

Eu gosto de trabalhar aqui. Eu chegar na praia, tenho vista pra essa natureza maravilhosa! Têm muitas pessoas que vêm de fora pra bater papo comigo, conversar. É maravilhoso! (Alberto, 38 anos).

Poxa, eu vou dizer a você... Claro que a gente tá aqui pra trabalhar, mas é uma distração também! (Paulo, 30 anos).

As condições de trabalho aqui poderia ser um pouco melhor (...) Não tem um banheiro, não tem um chuveiro pra tirar areia! Fizesse umas barraquinhas bonitinha, com banheiro, com chuveiro, com sombreros bonitos (Valmir, 47 anos).

Condições ruins de trabalho são a pouca segurança. Praia é um negócio que é pra todo mundo. Aqui, existe muitos roubos (...) Já tive muitos prejuízos (Edna, 55 anos).

É muito quente! O corpo só pede água, líquido, só coisa gelada! (...) Uma dorzinha de cabeça a gente sente, uma dorzinha nas pernas, a gente sente! (...) Dá também um esgotamento físico! (Nilton, 32 anos).

Como a praia está associada à ideia de lazer, diversão e prazer para grande parte da população em geral, o trabalho nesse contexto pode apresentar uma conotação positiva para esses trabalhadores. Entretanto, existem diversos fatores que contrastam com esse sentido e tornam as condições de trabalho um tanto adversas. Trabalhar num ambiente onde a exposição diária ao sol é intensa, o calor é excessivo, tendo que caminhar constantemente pela areia da praia, exigindo um grande esforço físico do trabalhador, além da falta de ergonomia existente no trabalho, caracterizada pelo transporte manual de peso, pela postura imposta pela atividade, por jornadas de trabalho, em média, um pouco elevadas contribuem para influenciar negativamente as condições de trabalho dos vendedores ambulantes.

Além disso, a infraestrutura do ambiente é inadequada caracterizada pela inexistência de chuveiros ou sanitários públicos, falta de segurança, sujeira em função dos restos de alimentos deixados na praia, atraindo animais para o local. Muitas vezes, esses trabalhadores são discriminados pelos banhistas ou são ignorados por eles. Todos esses elementos, portanto, concorrem para justificar a adversidade das condições de trabalho dos ambulantes.

A partir da análise do processo de trabalho, realizada através dos discursos dos vendedores ambulantes, pode-se concluir que as etapas desse processo variam de acordo com o tipo de mercadoria e que essas tarefas são executadas de maneira “espontânea”, sem que haja regras e normas previamente definidas. Não há consenso entre eles sobre a percepção das condições de trabalho: enquanto que, para alguns vendedores trabalhar na praia tem a vantagem de se estar ao ar livre, em contato com a natureza e com pessoas de outros locais do Brasil e também do mundo, outros trabalhadores se queixam, por exemplo, da exposição ao sol, da falta de estrutura física da praia e da falta de segurança.

Esses últimos pontos são problemas enfrentados por vendedores ambulantes de outras regiões e, até mesmo, de outros países, especialmente entre as mulheres, que já sofreram casos de violência e de abuso verbal e físico, além de terem sido vítimas de roubo enquanto trabalhavam nas ruas (PICK *et al*, 2002). Esses aspectos, juntamente com outros observados, tornam as condições de trabalho adversas.

CAPÍTULO 6 - SIGNIFICADOS E PRÁTICAS ASSOCIADOS AO TRABALHO DO VENDEDOR AMBULANTE

Esse capítulo refere-se aos resultados relacionados aos valores, sentimentos e elementos socioculturais associados ao trabalho do vendedor ambulante, a partir da análise dos discursos desses trabalhadores. Os significados do trabalho, a satisfação com a ocupação, assim como as perspectivas de mudança constituem os principais aspectos abordados nesse capítulo.

O trabalho adquire importância entre os entrevistados ao desempenhar diferentes funções em suas vidas. Em primeiro lugar, ele apresenta uma função extremamente primordial, que é a de garantir a sobrevivência, atendendo às suas necessidades básicas. Além dessa função, o trabalho proporciona ainda independência para os indivíduos. Esses aspectos demonstram que o trabalho continua a se constituir num valor não só para a construção de uma identidade pessoal, mas também numa obrigação na vida dos indivíduos, uma atividade sem a qual a sobrevivência é impossível (ZALUAR, 1994; MOURÃO e BORGES-ANDRADE, 2001).

Vamos dizer assim... Tamos aqui pra trabalhar. Tamos aqui porque temos uma obrigação a cumprir. Eu mesmo, pai de família, o meio de renda é esse. Eu venho pra ter o pão de cada dia (...) Você tem um filho... Eles não sabem se você tem ou não tem. Eles querem é ter alguma coisa pra comer, pra vestir, pra sair, não é isso?! (Paulo, 30 anos).

Tudo que eu preciso, até o momento, eu tenho conseguido trabalhando. Temos nossa casinha, não pago aluguel. Tudo isso, tirado da praia! (Nilton, 32 anos).

Eu não gosto de ficar esperando (...), então, pedi a Deus pra me iluminar alguma coisa assim, um caminho pra que eu pudesse trabalhar pra ganhar o meu pão de cada dia porque é difícil e é ruim a gente depender dos outros (Edna, 55 anos).

Em seus discursos, a representação dos vendedores ambulantes sobre o seu trabalho apresenta pontos positivos, principalmente, como a liberdade e a possibilidade de renda diária. Em contrapartida, a falta de garantia dos benefícios de seguridade social obtidos através da carteira de trabalho assinada aparece como uma das grandes desvantagens desse tipo de trabalho, corroborando os resultados do estudo de Oliveira (2004) sobre os trabalhadores da construção civil para os quais, a carteira de trabalho assinada está associada, sobretudo, à segurança de uma renda certa, à aposentadoria remunerada, ao amparo em caso de acidente de trabalho e ao respeito ao trabalhador como cidadão.

Eu tenho toda a liberdade. Toda a liberdade eu tenho aqui no meu trabalho. Faço o que eu quero, compro o que eu quero, não espero os trinta dias pra receber o salário, entendeu? Eu tenho meu salário toda hora (Altair, 41 anos).

Você tem uma carteira assinada, você tem um seguro, você tem seu salário todo mês, um acidente, alguma coisa, você pode se encostar, se aposentar e o vendedor autônomo, você relaxa porque hoje você tá com dinheiro, amanhã também, todo dia, então, você nunca se interessa... (Nilton, 32 anos).

De acordo com Santos (1987), o processo de afirmação da cidadania no país transformou a carteira de trabalho em uma espécie de nascimento cívico das pessoas, levando aqueles que não a têm a ocuparem um lugar de “pré-cidadãos” ou “cidadãos de segunda categoria”. Esse tipo de exclusão pode gerar um “sofrimento ético-político”, caracterizado, especialmente, pela dor de ser tratado como inferior, sem valor

(SAWAIA, 1999). Esses elementos podem ser evidenciados a partir das seguintes falas dos trabalhadores:

Você não tem como comprovar uma renda, você não tem como pedir um crédito na praça... Você vai no banco abrir uma conta, eles pedem comprovação de renda (...). Você vai abrir uma conta no banco, o gerente quer saber de onde o dinheiro veio, não sei o quê. Você tem que pegar uma câmera e filmar seu dia-a-dia trabalhando. Pra você conseguir um crédito na praça, dá trabalho e você só compra sua mercadoria se tiver dinheiro. Se você tiver dinheiro na mão, você compra, se você não tiver, você não compra.

Eu mesmo, pra conseguir um cartão, foi a maior dificuldade do mundo. Não foi aprovado duas vezes porque eu era vendedor ambulante, não tinha como provar que eu tinha aquela renda. Quer dizer, até provar que eu era um cara decente, eu andava certo, eu tive que levar um ano pra poder o banco liberar o cartão (Alberto, 38 anos).

Vale destacar que embora reconheçam a importância de contribuir para a Previdência Social através da vinculação como autônomos ao Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) e, dessa forma, terem seus direitos assegurados, apenas um trabalhador contribui para a previdência. Os trabalhadores alegaram falta de dinheiro para justificar esse fato.

Um trabalhador mesmo de carteira assinada tem os benefícios dele. A gente mesmo, no caso aqui, tem essa desvantagem. A pessoa que é ambulante paga 20% do salário mínimo, então, aquilo já abate mais do seu orçamento (Paulo, 30 anos).

O pessoal que trabalha aqui, bem poucos pagam INSS (...). A maioria aqui, quando fica doente, não tem renda nenhuma, não tem auxílio nenhum, não tem um seguro de vida, nada! (Valmir, 47 anos).

Eu não pago o INSS. Eu tô pensando de começar a pagar agora. Chegar esse verão, guardar um dinheirinho pra poder pagar o INSS porque é a melhor coisa que nós tem (Antônio, 39 anos).

As dificuldades em conseguir um emprego, a baixa escolaridade e, por conseguinte, a falta de qualificação profissional fazem com que a atividade de ambulante não se constitua como uma opção para muitos desses trabalhadores, mas sim como uma imposição resultante desses fatores. Essa representação sobre esse tipo de trabalho se mostra congruente com uma das encontradas por Sá e Ibanhes (2000) na qual a atividade de ambulante é vista pelos trabalhadores como a única possível por conta do desemprego, das condições de saúde e da idade avançada.

Vendedor ambulante não foi uma profissão que eu escolhi. Não foi escolha, foi imposição da vida (Valmir, 47 anos).

O que me trouxe pra praia foi o seguinte: eu me desempreguei, ia nas empresas procurando emprego, procurando emprego e não achei. Aí, um irmão meu me chamou, eu peguei, vim e gostei. É um meio de sobrevivência (Nilton, 32 anos).

É interessante destacar que apesar do trabalho como ambulante não ter sido uma escolha para esses trabalhadores, eles gostariam de continuar exercendo essa atividade talvez pelas vantagens já citadas e, mesmo aqueles que demonstraram interesse em trocar de profissão, só mudariam sob determinadas condições, principalmente para ganhar mais.

Não, não, eu não gostaria de jeito nenhum! Eu amo isso aqui, a que mais encaixou comigo foi trabalhar aqui na praia. Não trocaria de jeito nenhum! (Valmir, 47 anos).

Olhe bem, eu gostaria sim. Desde quando eu tivesse ganhando mais. Pra ganhar mais, pra dar uma condição melhor de vida pra minha família. Tinha que estudar pra ter uma coisa melhor e que eu soubesse que ia ganhar mais também (Paulo, 30 anos).

Pode-se observar certo sentimento contraditório entre os vendedores ambulantes, pois, ao mesmo tempo em que eles gostam da profissão, sentem-se satisfeitos em trabalhar como ambulantes, eles rejeitam qualquer possibilidade de algum filho vir a desenvolver tais serviços. As explicações podem estar relacionadas às dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores no seu dia-a-dia como apontadas durante o capítulo.

A minha paixão é essa aqui mesmo. Sou apaixonado por isso aqui (...) Tô muito satisfeito, muito satisfeito, não há do que me queixar! (Antônio, 39 anos).

Satisfeitíssimo, satisfeitíssimo mesmo! Essa praia é maravilhosa! O pessoal chega pra conversar com a gente, distrair a mente da gente. Além de tá me distraindo, eu tô trabalhando também pelo meu sustento e da minha família (Valmir, 47 anos).

Sinceramente, não, não, dez vezes, mil vezes não! Eu tô nessa porque não tive um grau de escolaridade maior. Hoje, eu sou um vendedor de queijo porque eu não tive um estudo (Nilton, 32 anos).

Não, não! Pra isso, eles estão estudando. Eu não quero que o futuro deles seja igual ao meu. Quero que seja melhor do que o meu! Ele tenha o lazer dele aos domingos, feriado, eles saiam, se divirtam e eu não tenho divertimento! (Antônio, 39 anos).

Não, não, não, não! Isso aí eu já não desejo pra eles não! Eu não quero isso não! Eu sei o que é isso aqui durante o dia-a-dia. É um desgaste muito grande! É o desgaste físico, emocional, você vê muitas coisas que você não se agrada (...) Vai ter que estudar porque lá na praia não é futuro pra ninguém! (Paulo, 30 anos).

Como a falta de estudo é colocada como um dos principais fatores limitantes de uma melhor inserção no mundo de trabalho, o fato de não ter tido condições de alcançar uma melhor escolaridade termina por justificar certo sentimento de impotência e resignação. Nesse sentido, defendem a importância de se estudar para conseguir

melhores empregos. O estudo, portanto, configura-se como um pré-requisito para conseguir ascender socialmente, meio através do qual esperam que seus filhos possam alcançar uma condição melhor que a deles.

Os vendedores ambulantes, além de definirem seu trabalho como “desgastante”, “puxado”, referem-se a ele ainda como um trabalho extremamente “discriminado”. Esses sentimentos de desvalorização, discriminação e preconceito que atingem esses trabalhadores, podem se refletir na autoestima e se converter em fonte de sofrimento para eles. Desse modo, o reconhecimento social dessa atividade passa, principalmente, por uma valorização moral do trabalho.

Muita gente não valoriza o vendedor ambulante (...). A discriminação existe. A pessoa não chega diretamente pra você e diz, mas o olhar diz tudo. Se a pessoa tiver sentada na cadeira, tiver com sua bolsa do lado e o vendedor de queijo sentar, ela apanha aquela bolsa do lado direito e bota do lado esquerdo... Eu acho que muita gente discrimina o vendedor ambulante (Nilton, 32 anos).

Olhe, eu me sinto... Acontece uma discriminação. Às vezes, a gente tá andando assim na praia, tá ali vendendo, aí, muitas vezes, a pessoa tá com alguma bolsa, alguma coisa de valor e aí, a gente vai oferecer e o pessoal já recua, né?! É mal visto vendedor ambulante. Tem gente que nem olha pra você! (Paulo, 30 anos).

Vender na beira de praia é um trabalho que você sabe que é discriminado... Você é discriminado! Até mesmo pra você entrar num estabelecimento desse, pô, você entra com um colar na mão, a pessoa já olha assim... Você é olhado de outra forma, de outro jeito (Alberto, 38 anos).

Esses resultados são similares aos achados dos estudos de Oliveira (2004) e Xavier (2005) sobre os operários da construção civil e as empregadas em serviços domésticos,

respectivamente. O trabalho no setor da construção civil é descrito como “muito puxado”, “desgastante”, “cansativo”, “desvalorizado” e “discriminado”. Por sua vez, o emprego em serviços domésticos é definido como um trabalho “humilhante”, “massacrante”, “inferiorizado”, “desvalorizado” e “discriminado”. Essas expressões refletem a opinião da sociedade que considera essas ocupações como de “baixo nível”, “inferiores”.

Diante dos resultados apresentados e da proposta inicial desse capítulo, pode-se fazer as seguintes considerações: em linhas gerais, o trabalho é considerado uma categoria central para esses trabalhadores. Além de garantir a sua subsistência através da renda obtida com a venda das mercadorias, ele agrega também um valor moral de ser independente.

Se, por um lado, o tipo de inserção desses trabalhadores no mercado de trabalho traz algumas vantagens como ter liberdade para fazer o que quer, não ter patrão, trabalhar para si, não precisar cumprir horário, ter uma renda diária, por outro, apresenta pontos negativos, principalmente pela falta de garantia dos benefícios de seguridade social. Ademais, a atividade de ambulante não é uma opção, mas uma consequência de fatores como o desemprego, a baixa escolaridade e qualificação profissional.

Por fim, embora sentimentos de satisfação com o trabalho e gosto pela profissão sejam manifestados pelos trabalhadores, os vendedores ambulantes compartilham significados de desvalorização social, humilhação e discriminação quanto à atividade que realizam, estando essa ocupação impregnada de descrédito social.

CAPÍTULO 7 - “TRABALHO PUXADO”: OS RISCOS À SAÚDE E OS ACIDENTES DE TRABALHO

Nesse capítulo, são apresentados os resultados referentes à percepção dos riscos à saúde que os vendedores ambulantes identificam em seu trabalho, descrevendo as concepções desses trabalhadores sobre os riscos de se acidentar ou adoecer provenientes do serviço realizado, destacando-se também os acidentes vivenciados e suas repercussões.

Os Riscos no Trabalho de Vendedor Ambulante

Os riscos à saúde percebidos pelos vendedores ambulantes durante a realização de seu trabalho são expressos de forma unânime, havendo um consenso entre esses trabalhadores de que essa é uma atividade que pode gerar consequências para a saúde tanto em relação às doenças quanto aos acidentes de trabalho.

Sim, tem risco porque você trabalha debaixo do sol... Você tá debaixo do sol, chega oito da manhã, sai quatro, cinco da tarde. Você tomou aquele sol todinho! Você tem um carvão que você tá ali abanando, a cinza vem pra cima de você, você tá respirando aquilo. Tudo isso depois vai fazer mal! Eu posso me machucar com a panela quente, encostar na perna! (Nilton, 32 anos).

Sim, pode! Acho que pode! Tem o câncer de pele, claro! Tem essa areia aí... As micoses... Você tem assim dor de cabeça constante por causa do sol, as vistas escurecem por causa do sol quente, a claridade. Há o risco de você pisar ne uma pedra, pisar ne um palito, furar seu pé, pisar ne um vidro, alguma coisa assim (Paulo, 30 anos).

Tem sim! Problema mesmo de quentura, problema de coluna também, que eu tenho problemas de coluna, dores nas pernas, sinto muita dores nas pernas, cansaço (Edna, 55 anos)

Os discursos dos trabalhadores sobre o risco de adquirir algum tipo de doença em decorrência do trabalho revelam como um dos principais problemas enfrentados por eles a exposição ao sol e, conseqüentemente, a possibilidade de desenvolver câncer de pele. Esse discurso corrobora com a literatura biomédica onde a exposição ao sol se constitui como o principal fator de risco para o desenvolvimento de câncer de pele, como também de envelhecimento precoce, queimaduras, desidratação, entre outros. Além disso, as fezes e urina de animais aparecem como outro problema com os quais eles têm que conviver.

Com certeza, com certeza! Nós trabalhamos exposto ao sol. É um risco que a gente corre, pegar um câncer de pele, qualquer tipo de doença assim! Os vendedores também pega micoses. É mais comum aqui aparecer micoses... São animais que vêm para a praia... A pessoa tem que ter consciência que o animal não pode vir pra praia porque o animal defeca na água, defeca na areia, faz xixi na areia. Aí, a gente pisa, é micose na certa e, além de tudo, o que aparece de rato aqui! A pessoa pode chegar aí de cima e contar os ratos que têm aqui passeando durante a noite por causa dos resto de comida aqui! (Valmir, 47 anos).

Importante destacar que as fezes e urina de animais existentes na praia podem contaminar a areia e provocar verminoses, larvas migrans, hepatite, toxoplasmose, leptospirose, hantavírus enquanto que as dermatofitoses e outras micoses nas praias estão relacionadas à umidade.

Os vendedores ambulantes revelam ainda outros problemas de saúde associados ao trabalho realizado, tais como: patologias de coluna, cefaleia, dores em membros

superiores e inferiores, provocados pelo transporte de peso e pelo movimento de andar na areia. Esses resultados corroboram o estudo de Pick *et al* (2002) onde as mulheres vendedoras ambulantes queixaram-se de alguma doença, principalmente, dores de cabeça e problemas musculoesqueléticos, além do desconforto no ambiente de trabalho.

Acompanhando o dia-a-dia dos trabalhadores, tive a oportunidade de conversar com Dona Edna e verificar a dificuldade que ela encontra para realizar o seu trabalho ao ter que caminhar na areia da praia, sob um forte sol, carregando o peso de várias sacolas, principalmente, para uma senhora de 55 anos de idade. Ao carregar uma dessas sacolas, eu pude sentir o quão pesada ela estava. É um esforço e, principalmente, um desgaste físico muito grande para o trabalhador caminhar várias vezes ao dia pela areia, carregando a mercadoria.

Problema mesmo de coluna... Que eu tenho problemas de coluna, né, dores nas pernas. Às vezes, a gente vai, dá um jeito na coluna, mas, infelizmente, eu tenho que enfrentar (Edna, 55 anos).

Uma dorzinha de cabeça a gente sente, uma dorzinha nas perna, a gente sente... O trabalho é muito esforçado. Se eu for contar as volta que eu dou na praia, vou lá e volto, vou lá e volto, eu acho que vou no interior aqui da Bahia e volto em um dia. (Nilton, 32 anos).

O trabalho excessivamente em pé, acompanhado do transporte de peso, da caminhada na areia durante longas jornadas de trabalho, entre outros fatores, configuram um complexo de causas importantes de morbidade para esses trabalhadores: transtornos circulatórios de membros inferiores, como varizes, por exemplo.

Para o vendedor ambulante do centro da cidade cujo local de trabalho apresenta intensa circulação de veículos automotores, a exposição contínua ao monóxido de carbono, um dos gases mais perigosos presente nesse ambiente, pode acarretar diversas patologias, entre elas, infarto agudo do miocárdio, arritmias cardíacas, acidentes vasculares, anemia, transtornos psíquicos caracterizados por irritabilidade e emotividade exagerados, entre outras. Além disso, a exposição ao ruído pode provocar perda auditiva, hipertensão arterial, estresse, por exemplo.

Os ambulantes relatam algumas situações que contribuem para a ocorrência de acidentes. É bastante frequente os trabalhadores se machucarem com diversos objetos deixados na areia da praia, principalmente com palitos de queijo e de camarão. Além disso, casco de marisco, resto de peixe, outros objetos que ficam escondidos sob a areia como, por exemplo, vidros, pedras, cocos, são percebidos como fatores de risco que podem causar algum tipo de acidente de trabalho. No caso dos vendedores de queijo, o carvão aceso transforma-se em mais um problema, pois aumenta a possibilidade de acidente.

Ah, corre sim (risco) com pauzinho de queijo (...) Eles comem o queijo, não joga... Enfia os palito na areia, às vezes, fura o pé (...) Tem algum vidro na areia, a pessoa que quebrou o vidro não pega, isso pode se cortar (Adriano, 24 anos).

O risco existe, existe sim! Palito de queijo que a gente pisa, toma aquela furada e o palito de queijo é de bambu, inflama. Tomar uma topada na pedra mesmo, às vezes, tá coberta, um côco coberto na areia, aí nós vem, toma topada. Tem casco de marisco, o restinho dos peixe que os pescador joga fora. (Antônio, 32 anos).

(...) A gente tropeça com palito de queijo, palito de camarão. A gente fura o pé, essa coisa (Valmir, 47 anos).

Muitas vezes, você tá assando um carvão, abanando um carvão, a brasa sapeca, vem em cima de você. Você pode reparar que minha camisa é toda furada. Esses furinhos assim é carvão. O short, é carvão. Você tá abanando, aí o carvão vem e pá! (Nilton, 32 anos).

Os trabalhadores reconhecem a importância de adotar algumas medidas de proteção à saúde a fim de impedir ou, pelo menos, de diminuir os problemas que possam vir a ter decorrentes do trabalho. Para alguns, o uso de protetor solar é considerado fundamental para prevenir os efeitos da exposição ao sol, entretanto, o custo desse produto é alto para se investir em sua compra e, com isso, muitos deles não fazem uso dessa proteção.

O que eu me preocupo é o sol porque minha pele é clara, aí o sol pode provocar algum risco como câncer de pele, os lábios também, às vez, fica muito ressecado, mas aí eu me preparo: passo meu protetor, uso meu protetor labial, boné e uso sempre a camisa com manga (Antônio, 39 anos).

Se eu pudesse, todo dia eu passava protetor, mas protetor é muito caro. Ou eu compro protetor, ou eu compro comida pra minha casa. Aí, eu tenho que escolher (...) São produtos caro e nós não temos condições de comprar (Valmir, 47 anos).

Eles ainda trabalham de chapéu ou boné, usam camisa de manga ou camiseta, alguns deles usam óculos escuros e andam calçados na praia.

A proteção é essa: uso boné, óculos escuros, camisa, minha sandália, né, ando calçado (Paulo, 30 anos).

Além dessas medidas, uma das estratégias utilizadas por esses trabalhadores para lidar com os riscos percebidos no ambiente de trabalho é o cuidado e a atenção que eles devem ter quando estão trabalhando.

Eu sou um cara muito vivo! Tô andando, tô vendendo meu bronzeador, tô prestando atenção... Eu sou um cara que fico aceso, no meu trabalho, eu fico aceso (Antônio, 39 anos).

Eu observo bem onde tô andando, onde eu tô pisando (Valmir, 47 anos).

Atenção, é só ter atenção. Tem atenção, pronto! Não tem proteção melhor do que a atenção. Então, acidente pra mim, tá fora do meu sistema (Nilton, 32 anos).

É interessante destacar que, apesar do conhecimento sobre os riscos existentes no contexto de trabalho e da utilização de algumas medidas de proteção, observa-se certa naturalização dos riscos entre alguns trabalhadores. Essa atitude pode ser explicada pelo que Dejours (1992) chama de “estratégia defensiva” na qual o trabalhador tem consciência dos riscos a que estão expostos, mas tentam “naturalizar” ou “banalizar” esses riscos como estratégia para permanecer executando o serviço. Estabelece-se uma relação onde os elementos do trabalho conhecidos por gerar dificuldades são tratados como sendo parte natural do processo.

Eu nem penso nisso porque se a gente for pensar nisso, a gente nunca vai trabalhar, entendeu? Se a gente for pensar “um dia eu vou ficar doente”, a gente nunca vai viver! (Adriano, 24 anos).

Para alguns desses trabalhadores, os problemas de saúde decorrentes do trabalho na praia, aparentemente, não aparece como uma preocupação imediata para eles, apesar de reconhecerem que essa atividade pode trazer consequências para a saúde.

Segundo Laurell e Noriega (1989), as cargas de trabalho e o desgaste são fatores que repercutem na saúde ou no corpo dos trabalhadores. As cargas de trabalho são elementos do processo de trabalho que interatuam dinamicamente entre si e com a corporeidade humana, gerando processos de adaptação que se traduzem em desgaste. Elas podem ser físicas, químicas, biológicas e mecânicas, ou ainda, fisiológicas e psíquicas. O desgaste, portanto, é resultado de processos adaptativos que acometem o trabalhador, o que pode acontecer com os vendedores ambulantes.

Os Acidentes de Trabalho

Os acidentes de trabalho e os chamados “incidentes” estão presentes no cotidiano dos vendedores ambulantes, que vivenciam esses acontecimentos no exercício de sua atividade. Embora não seja uma experiência comum a todos eles, o acidente de trabalho é um evento conhecido por todos.

Entre os acidentes descritos, os que aparecem com mais frequência são os cortes. Além deles, são citados casos de queda e de queimadura, semelhante aos resultados encontrados no estudo de Pick *et al* (2002) cujos acidentes de trabalhos mais relatados foram queimaduras e cortes. Nos relatos dos acidentes, percebe-se que eles são tratados como acontecimentos casuais, fortuitos, como uma fatalidade, que “aconteceu porque tinha que acontecer”. Por outro lado, a responsabilidade pelo acidente é atribuída também ao próprio trabalhador, que se autoculpabiliza por falta de atenção ou

cuidado, reproduzindo a lógica que costuma atribuir a determinação dos acidentes à vítima e não, às condições de trabalho.

Às vezes, a gente se distrai e quando alguma coisa acontece, acontece. Tem que acontecer! (Antônio, 39 anos).

Cada um tem que ver, tem que zelar por si. Então, a pessoa tem que ser consciente e se cuidar... você que tem que se cuidar, tem que se zelar, tem que ver o que tá acontecendo (Paulo, 30 anos).

Os acidentes são percebidos por alguns trabalhadores como uma “coisa normal”, “simples, como “umas besteiras”.

Já furei meu pé com palito de queijo várias vezes. Foi uma coisa leve assim... (Adriano, 24 anos).

(...) a tampa, a gente esquece que tá quente, aí vai lá e queima o dedo. Tem essas besteiras! (Nilton, 32 anos).

Embora a maior parte dos acidentes narrados seja considerada sem gravidade, ocorreram casos que ocasionaram afastamentos do trabalho, que variaram de sete dias a um mês. Nessas situações, os trabalhadores contaram com a ajuda da família e dos amigos, pois eles não tinham direito a nenhum tipo de benefício, já que exerciam um trabalho informal e não contribuía para a Previdência Social.

Eu fiquei uns sete dias em casa, mas é assim mesmo... Fiquei em casa com meus meninos, se recuperando pra vim de novo... Eu moro com a minha família e o que a gente precisa, lá é assim: um por todos e todos por um. Se eu tiver doente, eles ficam me olhando, se eles tiver doente também, a gente ajuda. A vida de ambulante é assim: ganha hoje, guarde porque amanhã é outro dia (Antônio, 39 anos).

Fiquei em casa um mês... (Ajuda) só de Deus e meus amigos. Eu sou o tipo de pessoa que eu procuro guardar o centavo que eu ganho porque eu sei que o amanhã, só quem sabe é Deus. Ninguém sabe daqui pra mais tarde (Alberto, 38 anos).

Se um dia acontecer de eu me acidentar, vou depender das forças dela, a mulher que eu tenho dentro de casa (Nilton, 32 anos).

Diante da ocorrência do acidente, portanto, os trabalhadores podem contar com a solidariedade de familiares e amigos, entretanto, existem aqueles casos em que o trabalhador acaba recorrendo ao agiota para conseguir obter dinheiro e, muitas vezes, ele encontra dificuldades para saldar a dívida.

Quando adoece, toma dinheiro emprestado na mão de agiota, toma dinheiro emprestado na mão de amigo. A família vai ter que ajudar porque senão morre de fome (Valmir, 47 anos).

Os sentimentos e as reações diante da ocorrência dos acidentes variaram entre os trabalhadores. Alguns consideraram como uma coisa normal, enquanto outros demonstraram raiva e irritação pelo acidente.

Praticamente, uma coisa normal. Não só eu caí naquele lugar como vários já caiu (Antônio, 39 anos).

Ah, eu xinguei muito, viu! Eu fiquei muito, muito, muito irado mesmo! (Adriano, 24 anos).

Reclamei muito também... Eles vendem aquele espetinho, então, eu acho que as pessoas têm que enfiar ele ou, então, colocar no lixo pra não deixar assim a toa na areia pra que a gente não chegue a esse ponto (Edna, 55 anos).

Alguns relatos de acidentes são descritos a seguir para ilustrar as experiências dos trabalhadores sobre tais eventos:

Um cliente me chamou em cima das pedras, eu aí fui subir. Quando eu pisei, escorreguei. Bati o joelho e saí ralando a canela... Fui atender o cliente, escorreguei na pedra, bati o joelho e a canela (Antônio, 39 anos).

Eu pisei no buraco, ia caindo com tudo (incidente ou quase-acidente). Eu já fui vítima de pisar nesses palitos de queijo, já furei meu dedo, já saiu muito sangue. Eu sei que eu ia andando, só vi a furada! (Edna, 55 anos).

Corte, corte já tive vários! Foi três garrafas que estouraram aqui dentro de meu isopor, aí me cortou. Pegou, pegou quinze pontos aqui no meu pulso (Valmir, 47 anos).

Eu desci aqui nas pedras, fui falar com uma moça, escorreguei, quebrei e fiquei com o braço engessado um mês (Alberto, 38 anos).

Retomando os objetivos iniciais desse capítulo, pode-se concluir, de maneira geral, que os vendedores ambulantes reconhecem a existência de riscos tanto de adoecimento quanto de acidentes na realização dessa atividade. Os principais problemas citados por eles no que tange aos riscos de adoecimento são a exposição ao sol e a fezes e urinas de animais. Conseqüentemente, o câncer de pele e as doenças decorrentes da areia contaminada aparecem como as mais preocupantes para esses trabalhadores. Eles conhecem ou vivenciaram casos de acidentes de trabalho ou incidentes e os tipos de evento mais frequentes foram os cortes, acompanhados por quedas e queimaduras, principalmente, entre os vendedores de queijo.

Para finalizar, é importante destacar o uso de algumas medidas de proteção à saúde, embora se verifique certa naturalização dos riscos percebidos por alguns vendedores. Ressalta-se também que, muitas vezes, os acidentes são vistos como fatalidades. Em outros casos, porém, a responsabilidade pela ocorrência do evento é atribuída ao

próprio trabalhador e resulta de um descuido ou de uma falta de atenção. Eles são acompanhados por sentimentos de raiva e irritação e, em alguns casos, pode-se dizer que há uma reação de indiferença diante do acidente.

Portanto, as formas de adoecimento e os acidentes relatados pelos vendedores demonstram os problemas existentes na atividade de ambulante e a importância de pensar e investigar a presença de riscos no exercício desse trabalho.

CAPÍTULO 8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como principal objetivo compreender os significados e práticas associados ao trabalho do vendedor ambulante, buscando conhecer e analisar os processos e condições de trabalho, assim como os riscos de acidente e adoecimento que podem trazer consequências para a saúde a partir da visão dos próprios trabalhadores.

Os resultados foram apresentados e discutidos detalhadamente ao longo dos capítulos cinco, seis e sete, e, a seguir, será apresentada uma síntese dos aspectos fundamentais desenvolvidos durante a dissertação.

Diversas transformações têm ocorrido no mercado de trabalho nos últimos anos, destacando-se, entre outros aspectos, o aumento das ocupações precárias e informais. No Brasil, o crescimento do desemprego, a queda da qualidade dos empregos e a crescente participação de trabalhadores no setor informal da economia são alguns dos efeitos dessas mudanças (GOMES e LACAZ, 2005; LIMA, 2002). Esse cenário leva um número cada vez maior de pessoas a buscar sua subsistência através do trabalho informal cujo contexto é caracterizado pela precariedade das condições de trabalho e pela falta de medidas de segurança e proteção à saúde. Os vendedores ambulantes ilustram bem essa realidade. São trabalhadores cuja característica de inserção no mercado de trabalho é o setor informal da economia.

De modo geral, são grandes as dificuldades enfrentadas por esses trabalhadores em função do modo de inserção no mercado de trabalho onde a pressão da necessidade de sobrevivência submete o trabalhador, que deixa em segundo plano todas as demais reivindicações de vida e trabalho, além do desconhecimento de direitos básicos e de mecanismos de proteção jurídica à cidadania. Num contexto de marginalidade, desigualdade e notória assimetria das condições sociais e de falta de equidade:

...ganha importância o papel e a responsabilidade do Sistema Único de Saúde no desenvolvimento das ações de saúde para esses trabalhadores. No Brasil, o sistema público de saúde representa uma das poucas - senão a única - políticas públicas formuladas com base no acesso universal e na participação e controle social. Também não se pode esquecer que, nos serviços de saúde, nas diferentes formas em que estão organizados - serviços de urgência e emergência, atenção básica e serviços especializados - chegam e ganham visibilidade, às vezes de modo dramático, as consequências deletérias da desigualdade social e das más condições de vida e trabalho, que se traduzem nos acidentes e no adoecimento relacionados ao trabalho. Assim, não é exagero dizer que, na atualidade, o sistema de saúde representa a única alternativa disponível, de curto prazo, para assegurar aos trabalhadores do setor informal uma atenção diferenciada, que contemple sua inserção no trabalho, uma vez que estes trabalhadores estão descobertos de outras formas de amparo legal, disponíveis para os trabalhadores do setor formal (DIAS, 2000).

A compreensão do trabalho do vendedor ambulante possibilitou que emergisse o *modus operandi* de uma atividade desenvolvida por pessoas de baixa escolaridade e menos qualificadas, configurando-se numa expressão das desigualdades sociais existentes no país.

Em geral, as funções desenvolvidas pelos ambulantes durante o trabalho variam de acordo com o tipo de mercadoria. Nessa atividade, as tarefas são executadas sem uma definição prévia e formal de regras e normas, sendo amplamente realizada sem

exigência de qualificação profissional. Ademais, a variedade de instrumentos de trabalho aparece como uma importante característica desse tipo de trabalho em virtude dos diferentes tipos de mercadorias que são comercializadas por esses trabalhadores. Esse aspecto reforça a ideia de que eles se vêem envolvidos em variados processos de trabalho. Além disso, eles não possuem uma jornada de trabalho definida e o seu ritmo é determinado pelo movimento de banhistas na praia.

Os significados associados às condições de trabalho apresentaram variações entre os entrevistados. Para alguns, trabalhar em contato com a natureza, livre de pressões, conhecendo pessoas de vários lugares torna o trabalho mais agradável e prazeroso, enquanto outros se queixam da falta de estrutura do local, que não dispõe de banheiros, chuveiros, da falta de segurança, que levou muitos deles a serem vítimas de roubo e ainda, do desgaste físico de trabalhar exposto ao sol, caminhando na areia por várias horas.

O convívio com os colegas no ambiente de trabalho aparece como um momento de grande prazer e satisfação. Essas relações interpessoais que envolviam conversas e brincadeiras entre eles podem ser consideradas uma importante dimensão para esses trabalhadores. Entretanto, mesmo num ambiente de aparente amizade, são observados alguns casos de brigas, discussões, principalmente quando alguma regra é desrespeitada na disputa pelo cliente.

O trabalho representa a possibilidade de garantir a sobrevivência, suprimindo as necessidades materiais da subsistência, mas também torna livre e independente aquele

que o desempenha. Entretanto, se o significado do trabalho apresenta elementos positivos, o trabalho como vendedor ambulante é considerado como desgastante, puxado e extremamente discriminado, como acontece com as empregadas em serviços domésticos e operários da construção civil (XAVIER, 2005; OLIVEIRA, 2004), ocupações considerados sem valor pela sociedade como um todo. Parece pesar sobre esses trabalhadores um estigma social que se reflete em sentimentos de desvalorização e discriminação, convertendo-se em fonte de sofrimento para eles.

A atividade de ambulante não se mostrou resultado de uma escolha, mas de alguns fatores coercitivos como o desemprego, a baixa escolaridade e qualificação profissional. Portanto, ela parece se constituir num recurso buscado para garantir a sobrevivência. Mesmo assim, eles se dizem satisfeitos e gostariam de continuar exercendo esse tipo de trabalho, e alguns só trocariam caso tivessem a garantia de uma renda maior do que a atual. Apesar disso, eles rejeitam qualquer possibilidade de algum filho vir a ocupar esse lugar, o que pode ser explicado pelo sentimento de desvalorização moral desse trabalho e pelo estigma social que o envolve. Para que seus filhos possam alcançar uma condição melhor que a deles, o estudo configura-se como um pré-requisito para conseguir ascender socialmente. Daí o reconhecimento da importância do estudo para que seus filhos possam atingir essa condição.

Os vendedores ambulantes reconhecem que sua atividade pode trazer consequências para a saúde tanto em relação às doenças quanto aos acidentes de trabalho, assim como a importância da adoção de algumas medidas de proteção à saúde, especialmente o uso de protetor solar, embora seja uma prática de apenas alguns

trabalhadores em virtude do preço desse produto. No que tange aos riscos de adoecimento, a exposição ao sol e aos dejetos dos animais constituem os principais problemas segundo os trabalhadores que atuam na praia. Como resultado dessa exposição, o câncer de pele e as doenças resultantes da areia contaminada são considerados as mais preocupantes para eles. Para o vendedor do centro da cidade, a presença não só do monóxido de carbono, mas também do chumbo e de compostos orgânicos voláteis podem provocar diversos efeitos como, por exemplo, patologias do sistema nervoso central, da medula óssea, além daquelas já citadas.

Os acidentes de trabalho também estão presentes no cotidiano desses trabalhadores que, frequentemente, são vítimas de cortes, quedas e queimaduras, sendo esse último evento mais comum entre os vendedores de queijo.

O reconhecimento da existência de risco de adoecimento e de acidentes identificados na realização do trabalho apresentou certa tendência à naturalização e a postura adotada pelos trabalhadores diante dessas situações baseava-se em atributos individuais como a atenção e a experiência, criando uma propensão a uma autorresponsabilização diante de qualquer infortúnio.

Sendo assim, é importante se pensar e investigar mais sobre o trabalho do vendedor ambulante, dando maior visibilidade social a uma atividade que não tem tido destaque e cujos riscos à saúde a ela vinculados não têm sido investigados e identificados. Nessa perspectiva, a inserção ao universo simbólico desses trabalhadores, intermediada pelas interpretações dos próprios sujeitos que vivenciam essa realidade, pode ser

considerada um dos pontos de destaque desse estudo, que, ao utilizar uma abordagem qualitativa pôde compreender a lógica que rege os discursos e as práticas dos indivíduos participantes de um dado contexto social.

Salienta-se, portanto, a necessidade de mais averiguações acerca da realidade do trabalho do vendedor ambulante, especialmente as investigações relativas à saúde desses trabalhadores sob a perspectiva de gênero. Esse aspecto pode ser considerado uma das principais limitações desse estudo, que não aborda essa questão. A inclusão de um número maior de mulheres vendedoras ambulantes poderia contribuir para uma melhor compreensão das relações de gênero.

Esse estudo, entretanto, contribui para um maior conhecimento sobre as condições de trabalho e de saúde experienciadas pelos vendedores ambulantes, categoria pouco estudada, fornecendo novos elementos para a formulação de políticas públicas adequadas à realidade desses trabalhadores. Portanto, ele não deve ser considerado apenas um instrumento de reflexão teórica, mas, fundamentalmente, uma ferramenta que auxilie e proporcione intervenções específicas relacionadas ao trabalho do vendedor ambulante, que carece de maior atenção e valorização social.

Algumas recomendações podem ser listadas tais como: a necessidade de pensar e criar estratégias que conduzam a valorização social desse trabalho, a difusão de informações junto aos trabalhadores visando promover maior segurança no exercício da atividade e, principalmente, o desenvolvimento de formas de minorar as desigualdades sociais com o objetivo de reduzir o caráter coercitivo desse trabalho.

Segundo Dias (2002), em uma proposta macro, a solução para as questões de saúde e segurança dos trabalhadores do setor informal, entre eles, os vendedores ambulantes, inclui mudanças estruturais capazes de gerar emprego produtivo e regulamentado, além de incluir medidas jurídicas para a legalização da informalidade, apoio ao crédito, capacitação profissional e ampliação da cobertura de assistência à saúde e previdência social.

Por fim, poder-se-ia sugerir uma atuação mais efetiva das organizações sindicais que representam esses trabalhadores a fim de desenvolver ações que promovam um maior conhecimento sobre o trabalho do vendedor ambulante, identificando recursos para a ação social e política, uma vez que os trabalhadores entrevistados desconhecem o papel e a atuação dessas organizações sindicais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, 964 p.

ALMEIDA, I.M. e BINDER, M.C.P. Metodologia de análise de acidentes - Investigação de acidentes de trabalho. In: **Combate aos acidentes fatais decorrentes do trabalho**. MTE/SIT/DSST/FUNDACENTRO, 2000, p.35-51.

ALMEIDA-FILHO, N. **A Clínica e a Epidemiologia**. Salvador: APCE-ABRASCO, 1997.

ALMEIDA, I.M. A análise dos acidentes de trabalho como ferramenta auxiliar do trabalho de auditores fiscais do Ministério do Trabalho e Emprego. In: _____(Org.) **Caminhos da análise de acidentes do trabalho**. Brasília: MET, SIT, 2003. p 13-55.

ALVES, M.A. **Setor informal ou trabalho informal?** Uma abordagem crítica sobre o conceito de informalidade. 2001. (Dissertação de Mestrado). Campinas: IFCH/UNICAMP.

AYRES, J.R. de C.M. et al. O Conceito de Vulnerabilidade e as Práticas de Saúde: novas perspectivas e desafio. IN: CZERESNIA, D. e FREITAS, C. M. **Promoção da Saúde: Conceitos, Reflexões, Tendências**. RJ: Editora Fiocruz, 2003.

AZEVEDO, J.S.G. Mudanças no Padrão de Ocupação na RMS. **Bahia: Análise e Dados**, Salvador, SEI, v.8, n.4, p. 9-26, mar.1999.

BARROS, R.P. e MENDONÇA, R. Os determinantes da desigualdade no Brasil. In: _____. **A economia brasileira em perspectiva**. Rio de Janeiro: IPEA, 1996. p. 412-473.

BIBEAU, G. Hay una enfermedad em las Americas? Outro camino de la antropología médica para nuestro tiempo. **Anais do VI Congresso de Antropologia**. Santa Fé de Bogotá: Universidad de los Andes, 1992.

BINDER, M.C.P.; AZEVEDO, N.D. e ALMEIDA, I.M. Análise Crítica de Investigação de Acidentes de Trabalho Típicos Realizados por Três Empresas Metalúrgicas de Grande Porte do Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. São Paulo: Fundacentro, vol.23, nº85/86, 1997. p.103-115.

BRAGA, T.S. e FERNADES, C.M. Informalidade e Ocupação Não-Registrada na RMS. **Bahia Análise de Dados**. Salvador, SEI, vol.8, nº4, 1999. p. 27-35.

BRASIL. **Notificações de Acidentes do Trabalho Fatais, Graves e com Crianças e Adolescentes**. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília - DF, 2006.

BRITO, J. **Saúde, Trabalho e Modos Sexuados de Viver**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999. 200p.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

COHN, A. et al. **Acidentes de Trabalho: uma forma de violência**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DAMATTA, R. A Casa, a Rua e o Trabalho. In: _____. **O Que Faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco. 12ª edição, 2001. p. 21-33.

DE LUCCA, S.R. e FAVERO, M. Os acidentes de trabalho no Brasil - algumas implicações de ordem econômica, social e legal. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v.22, nº81, p. 7-14, jan./fev./mar. 1994.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5ª edição. São Paulo: Cortez - Oboré, 1992, 168p.

DIAS, E.C. Organização da atenção à saúde no trabalho. In: FERREIRA JR., M. (Editor) **Saúde no trabalho - temas básicos para o profissional que cuida da saúde dos trabalhadores**. São Paulo: Roca; 2000. p. 3-28.

_____. Setor informal de trabalho: um novo-velho desafio para a saúde do trabalhador. In: SALIM, C.A.; CARVALHO, L.F. (Orgs.) **Saúde e segurança no ambiente de trabalho: contextos e vertentes**. Belo Horizonte: Fundacentro; 2002. p. 151-68.

DONNANGELO, M.C.F.; PEREIRA, L. **Saúde e sociedade**. 2ª edição. São Paulo: Editora Livraria Duas Cidades, 1979.

DORMAN, P. The economics of safety, health, and well-being at work: an overview. In: **Infocus Program on Safework**. ILO, May, 2000.

DOUGLAS, M. **Risk and Blame: essays in cultural theory**. London: Routledge, 1994.

_____. **La Aceptabilidad del Riesgo según las Ciencias Sociales**. Barcelona: Paidós, 1996. 173p.

DUARTE, L. F. D. ***Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas.*** Rio de Janeiro: ZAHAR/CNPq, 1986. 290p.

FACHINNI, L.A. Uma contribuição da Epidemiologia: o modelo da determinação social aplicado à saúde do trabalhador. In: BUSCHINELI, J.T.; ROCHA, E. e RIGOTTO, R.M. ***Isto é trabalho de gente? Vida, doença e trabalho no Brasil.*** Petrópolis: Vozes, 1994. p. 178-86.

FAGUNDES, T.L.Q. ***Trabajo, estrategias de supervivencia e la salud de los niños e las niñas en los países en las regiones de las Americas.*** Research report for PAHO. Washington DC, 1994.

FERNADEZ-BREMAUNTZ, A.A.; ASHMORE, M.R.;MERRITT, J.Q. A survey of street sellers' exposure to carbon monoxide in Mexico City. ***Journal of Exposure Analysis and Environmental Epidemiology***, v.1, n.3, p.23-25, 1993.

FILGUEIRAS, L.A.M. e AMARAL, M.F. ***O conceito de informalidade: problema ou solução?*** 2003 (Mimeo)

FRANÇOIS, M.; LIEVIN, D. Emplois Precaires et Accidentabilité: Enquête Statistique dans 85 entreprises. Lyon: ***Service Ergonomie et Psychologie Industrielle Section Ergonomie des Systemes***, 1995.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). ***Estimativa da população para 1º de julho de 2005.*** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 16/Set/2005.

FURMAN, A.; LALELI, M. Semi-occupational exposure to lead: a case study of child and adolescent street vendors in Istanbul. ***Environmental Research Section***, v.1, n. 83, p. 41-45, 2000.

GEERTZ, C. ***A Interpretação das Culturas.*** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989. 213 p.

_____. ***O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa.*** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GOMEZ, C.M. e LACAZ, F.A.C. Saúde do trabalhador: novas-velhas questões. ***Revista Ciência & Saúde Coletiva***, v.10, nº4, p. 797-807, 2005.

GUILAM, M.C.R. O conceito de risco: sua utilização pela Epidemiologia, Engenharia e Ciências Sociais. ***Esterisco: Estudo sobre Tecnobiociências e Risco na Sociedade***

Contemporânea. Disponível em:
<http://www.ensp.fiocruz.br/projetos/esterisco/maryfim1.html> Acesso em 17/04/2006.

HARNECKER, M. **Os conceitos elementares do materialismo histórico.** São Paulo: Global, 2ª edição, 1983. 296 p.

HERNANDEZ, P. et al. Childcare needs of female street vendors in Mexico City. **Health Policy and Planning**, v.2, n.11, p. 169-178, 1996.

HERNANDEZ-PENA, P. et al. Work conditions, labor fatigue and low birth weight among street vendors. **Salud Pública de México**, v.2, n. 41, p. 101-109, 1999.

HOUAISS, A. (Ed.) **Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa 1.0.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2001. CD-ROM.

IRIART, J.A.B. **Métodos qualitativos aplicados à segurança e saúde no trabalho.** Brasília: SESI/DN, 2004. 77p.

IRIART, J.A.B. et al. Representações do trabalho informal e dos riscos à saúde entre trabalhadoras domésticas e trabalhadores da construção civil. RJ: **Ciência e Saúde Coletiva**, v.00, nº00, p.00-00, 2006.

JACOBINA, A.; NOBRE, L.C. e CONCEIÇÃO, P.S.A. Vigilância de Acidentes de Trabalho Graves e com Óbito. In: Bahia, Secretaria da Saúde do Estado; Superintendência de Normas e Proteção da Saúde e Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador. **Manual de Normas e Procedimentos Técnicos para a Vigilância da Saúde do Trabalhador:** SESAB/SUVISA/CESAT. Salvador: CESAT/SESAB, 2002. p. 87-107.

LAURELL, A.C.; NORIEGA, M. **Processo de Produção e Saúde – Trabalho e desgaste operário.** Ed. Hucitec, 1989.

LAUTIER, B. e PEREIRA, J.M. Representações sociais e construção do mercado de trabalho: empregadas domésticas e operários da construção civil na América latina. **Caderno CRH**, nº21, p.125-151, jul./dez. 1994.

LERT, F. et al. A abordagem multidisciplinar na pesquisa de saúde pública: o acidente do trabalho e a segurança ocupacional. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v.12, nº48, out./nov./dez. 1984.

LIMA, R.C. et al. Percepção de exposição a cargas de trabalho e riscos de acidentes em Pelotas, RS (Brasil). **Revista de Saúde Pública**, v. 33, nº2, p. 137-146, 1999.

LIMA, J.C. Metaformoses do trabalho e a organização dos trabalhadores: notas sobre uma experiência recente. **Observa Nordeste**, maio/jun. 2002. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/observanordeste/obed002a.html>. Acesso em 21: fev.2005.

LOOMIS, D. Long work hours and occupational injuries: new evidence on upstream causes. **Occupational Environment Medicine**, 62:585, 2005.

LOWENSON, R. Health impact of occupational risks in the informal sector in Zimbabwe. **International Journal of Environment and Occupational Health**, v.4, p. 264-274. 1998.

MACHADO, J.M.H. e MINAYO-GOMEZ, C. Acidentes de Trabalho: Concepções e Dados. In: MINAYO, M.C.S. (Org.) **Os Muito Brasis: Saúde e População na Década de 80**. Sp-RJ: Editora: HUCITEC-ABRASCO, 1995. p.117-142.

MCKINSEY & COMPANY. **Eliminando as barreiras ao crescimento econômico e à economia formal no Brasil**. Mckinsey & Company, 2004; 1-57.

MENDES, R. e CAMPOS, A.C. Saúde e Segurança no Trabalho Informal: Desafios e Oportunidades para a Indústria Brasileira. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, v.2, nº3, p. 209-223, jul./set. 2004.

MENDES, R.; DIAS, E.C. Saúde dos trabalhadores. In: ROUQUAYROL, M.Z. & ALMEIDA FILHO, N. **Epidemiologia e Saúde**. [S.1.: s.n.]. 2000. p.431-456.

MENESES, F. et al A survey of personal exposures to benzene in Mexico City. **Archives of Environmental Health**, n. 54, v. 5, p. 359-363, 1999.

MENEZES, W.F. Uma análise estrutural do desemprego na Região Metropolitana de Salvador: 1997-2000. In: **Descaminhos no mercado de trabalho: transições ocupacionais e mobilidade social**. Salvador: SEI, 2003.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª ed. São Paulo - Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1992, 269p.

MINAYO-GOMES, C. e THEDIM-COSTA, S.M.F. Incorporação das Ciências Sociais na produção de conhecimento sobre trabalho e saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.8, nº1. 2003.

MONTALI, L. Família e Trabalho na Restruturação Produtiva: ausências de políticas de emprego e deterioração das condições de vida. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.15, nº42, p. 57-71, fev. 2000.

MOURÃO, L. e BORGES-ANDRADE, J.E. Significado do Trabalho: Caminhos percorridos e Sinalização de Tendências. **Anais da ENANPAD**. Campinas, 2001. CD-ROM.

NOSELA, P. Trabalho e Educação. In: MINAYO-GOMEZ et al. (Orgs.) **Trabalho e conhecimento**: Dilemas na Educação do Trabalhador. São Paulo: Cortez, 1989. p. 27-42.

OLIVEIRA, R.C. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP. Vol. 39, nº 1, p.13-37, 1996.

OLIVEIRA, R.P. **“Tudo é arriscado”**: a representação do trabalho entre trabalhadores informais da construção civil. Salvador, 2004. 155 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia.

OLIVEIRA, P.A.B. e MENDES, J.M. Acidentes de trabalho: violência urbana e morte em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v.13, (supl.2), p. 73-83, 1997.

PASTORE, J. **A dimensão econômica dos acidentes e doenças do trabalho**. Palestra proferida na Campanha da Indústria da Prevenção de Acidentes de Trabalho. Serviço Social da Indústria. Brasília, 1999. (Mimeo)

PICK, W.M.; ROSS, M.H.; DADA, Y. The reproductive and occupational health of women street vendors in Johannesburg, South Africa. **Social Science and Medicine**, n. 54, p. 193-204, 2002.

PORTO, M.F.S. e FREITAS, C.M. Análise de Riscos Tecnológicos Ambientais: Perspectivas para o Campo da Saúde do Trabalhador. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 13, supl.2, p. 59-72, 1997.

QUINLAN, M.; MAYHEW, C. & BOHLE, P. The global expansion of precarious employment, work disorganization, and consequences occupational health: A review of recent research. **International Journal of Health Services**, v.31, p. 335-413, 2001.

RANGEL-S, M.L. e PENA, P.G.L. **Saúde e processo de trabalho industrial**. Brasília: SESI/DN, 2004. 83p.

RANGEL-S, M.L. **“Cadê o Meu Aumento ou Vou Causar Acidente”**: Um Estudo de Caso da Cultura do Risco numa Indústria Petroquímica. Salvador, 1992. 278p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia.

ROMIEU, I. et al. Environmental exposure to volatile organic compounds among workers in Mexico City as assessed by personal monitors and blood concentrations. **Environmental Health Perspective**, v. 7, n. 107, p. 511-515, 1999.

ROZOV, I. **Occupational Health – Ethically Correct, Economically Sound**. World Health Organization, Paper # 84, June, 1999.

SÁ, E.N.C.; IBANHES, L.C. O Discurso (De)Ambulante. In: LEFÈVRE, F, LEFÈVRE, AMC, TEIXEIRA, J.J.V. (Orgs.) **O Discurso do Sujeito Coletivo: Uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. EDUCS, Caxias do Sul, 2000.

SAMPAIO, R.F. Acidentes de trabalho em Barcelona (Espanha) no período de 1992-1993. **Revista de Saúde Pública**, v.32, nº4, p. 345-51, 1998.

SANTANA, V. et al. Acidentes de trabalho não fatais: diferenças de gênero e tipo de contrato de trabalho. **Cadernos de Saúde Pública**, v.19, p.481-93, 2003.

_____. Emprego em serviços domésticos e acidentes de trabalho não fatais. **Revista de Saúde Pública**, v.37, nº1, p. 65-74, 2003.

SANTOS, W.G. **Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, 1987.

SAWAIA, B.B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: _____. (Org.) **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 97-118.

SILVERSTEIN, B.; FOLEY, M. & SAMA, S. Protecting Contingent workeres form Work-related injury. **Finnish Institute of Occupational Health**, Helsinki, 1998.

SPINK, M.J.P. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Cadernos de Saúde Pública**, v.17, nº6, p. 1277-1311, nov./dez.. 2001.

TITTONI, J. **Subjetividade e trabalho**. Porto Alegre: Ortiz, 1994.

VELLOSO, M.P.; SANTOS, E.M. e ANJOS, L.A. Processo de trabalho e acidentes de trabalho em coletores de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v.13, nº4, p. 693-700, out-dez, 1997.

VÍCTORA, C.G. et al. Corpo, Saúde e Doença na Antropologia. In: **Pesquisa Qualitativa em Saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

XAVIER, S. **“É como se a gente estivesse em casa”**: representações e práticas acerca do trabalho e do risco à saúde no serviço doméstico remunerado. Salvador, 2005. 195 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia.

ZALUAR, A. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, R. (Ed.) **A Aventura Antropológica** - Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1986. p. 107-125.

_____. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ANEXO 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA

MÓDULO 1 - DADOS GERAIS

- 1) Identificação
- 2) Idade
- 3) Sexo
- 4) Estado civil
- 5) Filhos Quantos?
- 6) Grau de escolaridade
- 7) Cor da pele
- 8) Endereço/ Bairro
- 9) Tipo de trabalho (Produto comercializado)

MÓDULO 2 – DESCRIÇÃO E VALORES ASSOCIADOS AO TRABALHO

- 1) Como é o seu trabalho?
- 2) Há quanto tempo você faz esse tipo de trabalho?
- 3) Você trabalhava em outra atividade antes?
- 4) Por que você começou a trabalhar nessa ocupação?
- 5) O que te levou a escolher essa ocupação?
- 6) Chegando ao trabalho, o que você faz? (Pedir para o entrevistado descrever todas as atividades no trabalho, incluindo os horários).
- 7) Como você se desloca até o trabalho?
- 8) Quanto tempo você leva para chegar ao seu local de trabalho?
- 9) Quantas horas por dia você trabalha?
- 10) Você tem horário de chegada e de saída do trabalho?

- 11)Qual a sua renda diária?
- 12)Quantos dias da semana você trabalha?
- 13)Você tem algum dia de descanso?
- 14)Você tem outro trabalho além desse?
- 15)Como os vendedores ambulantes se distribuem no espaço?
- 16)Como o espaço ocupado por cada vendedor é definido entre vocês?
- 17)Como vocês escolhem os itinerários que vocês farão durante o dia de trabalho?
- 18)Vocês possuem licença da Prefeitura?
- 19)Como vocês lidam como o perigo do “rapa”?
- 20)O que faz você se sentir bem no seu trabalho? O que faz você se sentir mal?
- 21)Como você se sente sendo vendedor ambulante?
- 22)Você está satisfeito com sua profissão?
- 23)Quais as vantagens de ser vendedor ambulante? E as desvantagens?
- 24)Quais as dificuldades no trabalho como vendedor ambulante? (Investigar a existência de discriminação)
- 25)Você já viveu alguma situação de discriminação por ser ambulante?
- 26)Você gostaria de trocar de profissão? Por quê?

MÓDULO 3 - PERCEPÇÃO DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO E DOS RISCOS DE ACIDENTE/ADOCIMENTO

PARTE 1 – PERCEPÇÃO DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO

- 1) Como você se sente no seu local de trabalho? Por quê?
- 2) O que você acha das suas condições de trabalho?
- 3) O que é ter boas condições de trabalho para você? E condições ruins?

- 4) Que dificuldades você tem para realizar seu trabalho? O que lhe causa incômodo no seu trabalho?
- 5) Que tipo de instrumentos você usa no seu trabalho?
- 6) Você acha que esses instrumentos estão bons para seu trabalho?
- 7) Você acha que eles estão adequados?
- 8) O que poderia facilitar seu trabalho?

PARTE 2 – PERCEPÇÃO DOS RISCOS DE ACIDENTE/ADOCIMENTO E PRÁTICAS SOCIAIS

- 1) Você acha que o seu trabalho pode trazer algum risco para sua saúde?
- 2) O que você acha sobre o risco que seu trabalho pode trazer para sua saúde?
- 3) Você acha que corre o risco de ficar doente ou com algum sofrimento por causa de seu trabalho?
- 4) Você acha que corre o risco de se machucar no seu trabalho?
- 5) O que você faz para se proteger desse risco?
- 6) Você usa algum tipo de proteção?
- 7) Você já sofreu algum acidente de trabalho?
- 8) Como foi esse acidente?
- 9) Como você reagiu ao acidente?
- 10) Você precisou se afastar das suas atividades?
- 11) O que você fez depois do acidente?
- 12) Precisou de algum tipo de ajuda? Qual? De quem?
- 13) Você recebeu algum tipo de auxílio?

MÓDULO 4 – PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES EM ORGANIZAÇÕES DA CATEGORIA PROFISSIONAL

- 1) Você sabe se existe alguma organização que reúna pessoas que façam o mesmo trabalho que você?
- 2) Você participa de alguma organização ligada ao seu trabalho?
- 3) Qual a sua relação com esta organização?
- 4) Vocês desenvolvem algum tipo de ação relacionada ao trabalho do vendedor ambulante?
- 5) De que forma esta organização atua? O que faz?
- 6) Quando ocorre algum problema que afete os vendedores ambulantes, você se reúne com alguém para discutir o que fazer?

ANEXO 2

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

Projeto: Significados e práticas associados ao trabalho do vendedor ambulante e suas implicações para a saúde: um olhar etnográfico

Termo de Consentimento

I. DESCRIÇÃO E CONVITE PARA PARTICIPAR DA PESQUISA

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa sobre o trabalho de vendedores ambulantes em Salvador. Caso o Sr.(a) concorde, será realizada uma entrevista sobre as condições de seu trabalho, os riscos presentes, a ocorrência de adoecimento ou acidentes decorrentes de sua atividade. Você não tem a obrigação de participar do estudo e pode se sentir a vontade para desistir a qualquer momento. Sua contribuição, entretanto, é muito importante para que se conheça mais sobre o trabalho do vendedor ambulante.

II. DECLARAÇÃO DE CONFIDENCIALIDADE

Toda informação que o Sr.(a) fornecer permanecerá estritamente confidencial. O nome do Sr.(a) não será revelado em nenhum momento do estudo, suas informações serão confidenciais e os dados publicados serão apresentados de uma maneira tal que o seu nome jamais seja identificado, garantindo o seu anonimato.

III. RISCOS/ BENEFÍCIOS/ COMPENSAÇÃO

Durante a sua participação neste estudo, o Sr.(a) não será exposto a nenhum tipo de risco, que possa gerar qualquer tipo de desconforto. Embora o Sr.(a) não receba nenhuma compensação ou gratificação financeira por sua contribuição, os resultados permitirão uma maior compreensão sobre o trabalho do vendedor ambulante e seus efeitos sobre a saúde destes trabalhadores.

IV. ACEITAÇÃO

O Sr.(a) entendeu o plano do estudo? Tem alguma pergunta para fazer? Sinta-se a vontade para fazer perguntas e tirar dúvidas sempre que quiser. O Sr.(a) está ciente das informações recebidas e concorda em participar deste estudo?

Assinatura do(a) entrevistado(a): _____

Assinatura da testemunha _____

Data: ____/____/____.